

“A influência do Padre Cícero na forma e
imagem da cidade de Juazeiro do Norte”

Graduando: Igor Vieira Santos

Orientadora: Profa. Dra. Maria Berthilde



**Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação**

S2371 Santos, Igor Vieira.
A influência do Padre Cícero na forma e imagem da
cidade de Juazeiro do Norte / Igor Vieira Santos. -
João Pessoa, 2019.
79 f. : il.

Orientação: Maria Berthilde Moura Filha.
Monografia (Graduação) - UFPB/Tecnologia.

1. Padre Cícero. 2. Juazeiro do Norte. 3. Forma. I.
Moura Filha, Maria Berthilde. II. Título.

UFPB/BC

“A influência do Padre Cícero
na forma e imagem da cidade
de Juazeiro do Norte”

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para
obtenção de título de bacharel em
Arquitetura e Urbanismo pela
Universidade Federal da Paraíba.

Igor Vieira Santos

Graduando

**Prof^a Dra. Maria Berthilde de Barros
Lima e Moura Filha**

Orientadora

João Pessoa,



Maio de 2019

BANCA EXAMINADORA:

Igor Vieira Santos

Profa. Dra. Maria Berthilde Moura Filha
Orientadora

Prof. Ivan Cavalcanti Filho, PhD
Examinador

Prof. Dr. Eliezer Leite Rolim Filho
Examinador

“A influência do Padre Cícero
na forma e imagem da cidade
de Juazeiro do Norte”

A influência de Padre Cícero na casa de
Juazeiro do Norte

João Pessoa,
Maio de 2019

Agradecimentos

Dedico esta pesquisa a José Irio, meu “vôanjo”, a quem devo parte de minhas paixões, e que hoje me guarda de onde está, ao lado do primeiro arquiteto a quem devo tudo.

Este trabalho encerra um ciclo, e me abre as portas para um assustador desconhecido, uma sensação parecida com a que senti há nove períodos quando ingressava no curso de arquitetura e urbanismo, em uma nova cidade, novas possibilidades e desafios, que foram apreciados e superados com ajuda de pessoas maravilhosas que surgiram em minha vida, as quais quero agradecer.

Primeiramente a minha base, minha família, meus pais Vânia e Leonardo, pelo apoio e incentivo, sem vocês não estaria onde estou hoje, a minha irmã Ingrid, pela cumplicidade da vida e em especial por ter sido minha companhia no início dessa jornada que se encerra. Aos três, meu eterno amor. Aos meus avós Rosa, Ademar e Maria pelas lágrimas em cada adeus.

Aos professores do Departamento de Arquitetura da UFPB, pelos ensinamentos que contribuíram em minha formação.

À família do LPPM, minha primeira casa na universidade. Agradeço ao professor Ivan por ter aberto as portas e me apresentado a esse novo universo. A minha querida orientadora

Berthilde, por ter aceito essa empreitada; sou grato pelos conselhos, conversas e orientações, este trabalho foi possível graças a sua luz e gentileza com as palavras, meu muito obrigado!

A minha segunda casa, aos colegas do TRAMA; escritório que tive o enorme prazer de fazer parte, agradeço em especial à professora Amélia Panet por ter me possibilitado adentrar no mundo das extensões, obrigado pela confiança e ensinamentos.

Agradeço a amiga Marília Dieb, com quem tive prazer de dividir sala de aula como monitor, sou grato pelas conversas e conselhos.

A cidade de João Pessoa que me recebeu tão bem, onde pude fazer e fortalecer laços. Aos meus velhos amigos Beatriz e Marcelo, que me acompanharam de Barbalha a João pessoa. A Lucas, Luana, Edwin, Gabriela, Yasmin, Victor e Marina pela boa parceria.

A Vanessa Daltro e Rafael, que se tornaram parte de minha família, acolheram-me do aprazimento ao luto, pelos conselhos, conversas e abraços. A Pedro Pontes pela cumplicidade, por me acompanhar nas loucuras da vida e pelas boas conversas sobre boêmia e arquitetura.

Resumo

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem por objetivo verificar a influência de Padre Cícero na forma e imagem da cidade de Juazeiro do Norte. Para tanto a pesquisa recorre a historiografia sobre o tema acerca da história de Juazeiro do Norte e do Padre, considerando a relação existente entre ambos. Tendo em vista que a cidade se formou entorno de edifícios referenciais ligados direta ou indiretamente a Cícero, coube recorrer a iconografia, para entender o processo de consolidação dos bairros e os tempos que ocorreram, verificando que os que foram formados durante o período em que o clérigo regia a cidade, possuem um traçado que remete ao tempo do Brasil colonial. O centro tradicional de Juazeiro foi moldado à imagem do Padre Cícero; verificar e registrar o valor simbólico que existe nesse processo é de fundamental importância, tendo em vista que as manifestações culturais que regem os espaços da cidade e por sua vez constituem sua forma e imagem, estão ameaçados por agentes externos, como o secularismo, a globalização e a industrialização. O registro é uma forma de salvaguarda-lo e demonstrar sua significância para a comunidade.

Palavras-chave: Padre Cícero; Juazeiro do Norte; Imagem; forma.

Abstract

This work of Course Completion aims to verify the influence of Padre Cícero in the form and image of the city of Juazeiro do Norte. For this, the research uses the historiography on the theme about the history of Juazeiro do Norte and the Father, considering the relation between both. Considering that the city was formed around reference buildings directly or indirectly linked to Cicero, it was necessary to resort to iconography, to understand the process of consolidation of the neighborhoods and the times that occurred, verifying that those that were formed during the period in which the clergyman ruled the city, have a tracing that refers to the time of colonial Brazil. The traditional center of Juazeiro was shaped in the image of Father Cicero; to verify and to register the symbolic value that exists in this process is of fundamental importance, considering that the cultural manifestations that govern the spaces of the city and in turn constitute their form and image, are threatened by external agents, such as secularism, globalization and industrialization. Registration is a way to safeguard it and demonstrate its significance to the community.

Keywords: priest Cicero; Juazeiro do Norte; Image;

Lista de figuras:

Figura 1: Bacias hídricas Ceará.....	2	Figura 23: Protótipo da estátua	2
Figura 2:Seminário do Crato concluído em 1875.....	2	Figura 22:Mauro Sampaio participa da inauguração da estátua ao lado de Padre Murilo (à esquerda) e dos irmãos Adauto e Humberto Bezerra	2
Figura 3: Mapa de Joaseiro em 1875.....	2	Figura 25: Igreja do Bom Jesus em construção - 2018.....	2
Figura 4: Capela de Nossa Senhora das Neves em 1884	2	Figura 26: Obras da Capela de Nossa Senhora Auxiliadora em 1939	2
Figura 5: Ruínas da igreja iniciada por Cícero no Horto	2	Figura 27: colégio Salesianos década de 40.....	2
Figura 6: velório padre Cícero em 1934.....	2	Figura 28: Início das obras do Santuário Sagrado Coração de Jesus 1950.	2
Figura 7:Chapada do Araripe.....	2	Figura 29: Santuário do Sagrado Coração de Jesus década de 60.....	2
Figura 10: Mapa com o centro tradicional.....	2	Figura 31: Santuário Sagrado Coração de Jesus.....	2
Figura 11:mapa com a localização dos edifícios referencias.....	2	Figura 32: planta de Joaseiro de 1827 a 1875.....	2
Figura 12: Povoado de Juazeiro por volta de 1872, capela a direita.....	2	Figura 34: trecho mapa do Juazeiro do Norte em 1955	2
Figura 13:: povoado de Juazeiro por volta de 1872, capela a esquerda.....	2	Figura 33: vista parcial praça Almirante Alexandrino década de 1920.....	2
Figura 14: 40egunda versão da Igreja em 1884.....	2	Figura 35:Produção do Centro Cultural Mestre Noza	2
Figura 15: terceira versão da igreja, foto da década de 40	2	Figura 36: mancha do bairro do Socorro com destaque para a capela.....	2
Figura 16: Basílica menor Nossa Senhora das Dores - 2019	2	Figura 37: Malas de papel	2
Figura 17: Capela do Socorro década de 30 ou 40	2	Figura 39: Calçadas desniveladas na subida do horto	2
Figura 19: Capela do Socorro após reformas dos anos 2000, foto de 2019	2	Figura 38: sala do santo da casa de Mãe Dodô	2
Figura 18: Nicho com estátua do padre em 1941.....	2	Figura 41: Vista aérea juazeiro década de 50	2
Figura 20: Casa do padre Cícero no Horto.....	2	Figura 42: Vista aérea bairro dos Salesianos	2
Figura 21: sala dos ex-votos museu vivo pe. Cícero	2	Figura 43: Esquema de distribuição em planta baixa de casas térreas.....	2
Figura 24: Molde do chapéu em agave.....	2	Figura 44: Ônibus dos romeiros decorado.....	2

Figura 45: Missa do Chapéu	2
Figura 46: mapa com edificações da rua Juazeiro do Norte	2
Figura 47: Oratório de uma casa na subida do Horto no Juazeiro do Norte.....	2
Figura 49: Modelo casa tradicional do Juazeiro do Norte.....	2
Figura 50: altar com cortinas ao fundo.	2
Figura 51: Momento da renovação em torno do oratório.	2
Figura 52: Residências com ofícios da rua Juazeiro do Norte.....	2
Figura 53: Oratório junto a oficina.....	2
Figura 54: Chapéu de macaco e chaveiro	2

Sumário:

1. Juazeiro do Norte e Pe. Cícero: uma trajetória inseparável
 2. Os marcos do Pe. Cícero na forma e imagem da cidade
 - 2.1. Edifícios referenciais
 - 2.2. Os bairros
 3. Em cada sala um oratório em cada quintal uma oficina: especificidades das casas de Juazeiro
 - 3.1. Oratórios
 - 3.2. Oficinas
- Considerações finais

Introdução:

A cidade do Juazeiro do Norte foi erigida em torno da figura do padre Cícero Romão Batista, um clérigo controverso que se tornou o santo popular do sertanejo nordestino e uma das figuras políticas mais influentes do século XIX no Ceará. Protagonista de milagres e de insurgências políticas, contrariou do alto clero romano às grandes oligarquias da primeira república.

Dentro da máxima católica que o trabalho dignifica o homem, padre Cícero regeu a cidade seguindo da lógica beneditina do *ora et labora*, tendo como um dos seus ensinamentos principais o seguinte: “em cada sala um oratório e em casa quintal uma oficina”. Esse binômio extravasa o núcleo residencial, sendo incorporado em escala urbana, formando uma cidade que orbita entre a religião e comércio.

Padre Cícero foi elemento central no processo de formação da cidade de Juazeiro do Norte; e este trabalho tem por objetivo verificar sua influência na forma e imagem da cidade, como sua presença direta ou indireta norteou o processo de formação e ocupação das áreas mais tradicionais da cidade tal qual a repercussão dos seus ensinamentos nos espaços das residências

que apresentam características peculiares na sua ocupação; na figura simbólica da oficina e do oratório.

O processo de formação do vilarejo até atingir a comarca de cidade foi acompanhado pelo Padre, desde a sua chegada em 1872, como capelão da capela de Nossa Senhora das Dores, até tornar-se o primeiro prefeito em 1911. Os 62 anos que ficou à frente de Juazeiro, protagonizou milagres, guerras, alianças entre coronéis e cangaceiros, acumulou fortuna e quererismo popular que influenciaram na formação da cidade.

Ao longo dessa trajetória, locais que estavam de alguma forma atrelados a sua imagem consolidaram-se como bairros tradicionais da cidade, estes em suas totalidades dentro do centro tradicional definido por Brulle (2013).

Como objeto de estudo deste trabalho temos o centro tradicional de Juazeiro do Norte, espaço que resguarda na sua formação ligações diretas com a imagética do padre, seja no processo de ocupação do bairro ou na forma de morar, os fenômenos religiosos ligados a Cícero são definidores de espaços e tradições na cidade que perduram por mais de um século.

A religiosidade do sertanejo, propiciou a construção de uma cidade única, formada a partir da migração de romeiros que se fixaram em locais próximos a equipamentos religiosos. Devido

a sua devoção, geram espaços próprios, onde se reconhecem enquanto juazeirenses, pela singularidade dada ao local com a forma de uso sejam em espaços públicos ou privados.

Para o estudo foram elencados quatro bairros da cidade – Centro, Socorro, Horto e Salesianos - locais que surgem em momentos históricos diferentes e resguardam em sua formação a memória e os ensinamentos do padre. Isso se dá ao fato de terem se desenvolvido em torno de monumentos arquitetônicos vinculados ao catolicismo. Estes são: a Basílica menor de Nossa Senhora das Dores, capela do Socorro, complexo da estátua do Padre Cícero e Santuário do Sagrado Coração.

Perceber como se deu o processo de formação desses bairros do centro tradicional é de fundamental importância para compreender os espaços gerados que compõe a imagem da cidade, e registrá-los é uma forma de preservar tradições e costumes que aos poucos vem se perdendo, com o processo de globalização, industrialização e secularização.

Um dos elementos que compõe tal imagem é a casa, que possui especificidades próprias no seu uso e organização espacial na figura do oratório e da oficina, tradição incitada pelo padre ainda no processo de formação da cidade, que perdura até a contemporaneidade. As residências possuem íntima relação com

as ruas, tendo implantação no lote que remete àquela que herdamos do período colonial, sem recuo, a calçada transforma-se em uma extensão da casa, servindo como sala de estar, local para realização de atividades manuais, espaço de comércio e local de manifestação religiosa.

Na obra de Lynch (1960), dois elementos que compõe a imagem da cidade são os nodais e os caminhos, o primeiro são locais de confluência de pessoas, representado aqui pelos marcos arquitetônicos, que foram os elementos irradiadores de formação dos bairros, e o segundo “São canais ao longo dos quais o observador costumeiramente, ocasionalmente, ou potencialmente se move. Podem ser ruas, calçadas, linhas de trânsito, canais, estradas-de-ferro” (LYNCH, 1960, p. 47). Os caminhos foram considerados o principal elemento de percepção ambiental, por ser o local onde as pessoas percebem mais a cidade durante seu deslocamento, podem apresentar maior significância por terem algum diferencial, no caso em estudo as casas são o diferencial, a forte relação que existe entre a casa e rua e a forma que seu espaço interno é utilizado repercute na percepção do passageiro.

A memória coletiva e a imagem da cidade estão vinculadas à forma com que a população usa e percebe os espaços; no caso específico de Juazeiro essa construção se dá na escala urbana, por

meio do intenso comércio, feiras tradicionais e com as romarias; na escala residencial se dá pela manutenção de tradições seculares.

Nas casas temos a manutenção de tradições que compõe a memória coletiva de um grupo. Na figura da oficina temos os afazeres artesanais, que rememoram técnicas e costumes ancestrais que podem ser compreendidas como patrimônio cultural uma vez que a declaração do México traz que:

O patrimônio cultural de um povo compreende as obras de seus artistas, arquitetos, músicos, escritores e sábios, assim como as criações anônimas surgidas da alma popular e o conjunto de valores que dão sentido à vida. Ou seja, as obras materiais e não materiais que expressam a criatividade desse povo. (ICOMOS, 1985, p. 4).

O oratório remete ao desejo do Padre Cícero de que todo juazeirense fosse temente a Deus e é fundamental para o acontecimento de um dos ritos católicos mais significativos para o sertanejo, a renovação do Sagrado Coração de Jesus, uma tradição romana incentivada por Pe. Cícero que sofreu adaptações à realidade local, tornando-se uma festa que reúne a

comunidade para celebrar o sacro de forma muito particular, com cânticos, ritos e até comidas próprias para a comemoração.

Portanto, observa-se a oficina e o oratório como materialização de práticas e saberes coletivos que devem ser registrados e protegidos, na medida do possível. São valores subjetivos e imateriais que encontram na arquitetura uma forma de se materializarem para que possam existir. As casas transformam-se nesse receptáculo de costumes e saberes, seu conjunto constitui parte fundamental da imagem da cidade, já que retrata a forma de viver da sua população.

O processo metodológico utilizado consistiu inicialmente em uma revisão bibliográfica onde buscou-se autores que tratassem de questões de percepção espacial, patrimônio cultural, morfologia urbana e da história de Juazeiro. Para entender a questão da cidade e das interações sociais com o padre, dois biógrafos foram de suma importância, Lira Neto (2009) e Della Cava (2014), biografias que possibilitaram entender a devoção e fanatismo religioso, fatos que interferem no modo de viver do juazeirense.

A análise da questão urbana na formação dos bairros foi feita sob a ótica de Lamas (2004), onde o monumento é um agente definidor do espaço, e Lynch (1960) onde trata da questão da

percepção da cidade através dos nodais e caminhos. Ambos serviram para compreender o processo de formação dos bairros a partir de um elemento arquitetônico de onde erradia o desenvolvimento, gerando ruas e locais públicos com dinâmicas próprias que deram forma à cidade. O conceito de Leitão (2014) sobre espaço geográfico é de fundamental importância para compreender como o meio afeta as questões culturais de um povo, logo reflete na sua forma de agir e usar os espaços.

A revisão feita por Santana (2011) colaborou no entendimento de patrimônio cultural, e forma com que a religiosidade pode interferir na construção da imagem do meio urbano. Com auxílio de Ribeiro (2003) compreendemos que estes espaços gerados possuem valor significativo, não só para a cultura local, mas para a comunidade em geral.

Para entender o processo de formação do bairro e confirmar que os monumentos arquitetônicos ligados ao padre de alguma forma impulsionaram sua consolidação, foi feita uma busca na cartografia e registros fotográficos onde foi possível perceber a modificação dos locais a partir da inserção dessas edificações.

Com relação às casas, foram feitos registros fotográficos dos oratórios e das oficinas além de entrevistas, verificando a

relação dos moradores e das atividades realizadas em casa com o padre e sua relação com o bairro, checando como esses elementos contribuem para a construção de uma imagem da cidade.

O trabalho foi estruturado em três capítulos; o primeiro intitulado “Juazeiro do Norte e Pe. Cícero: uma trajetória inseparável”, que aborda o contexto de formação da cidade e a forma com que a figura do padre Cícero influenciou neste processo.

O segundo capítulo chamado “Os marcos do Pe. Cícero na forma e imagem da cidade”, que foi dividido em dois tópicos, partindo-se dos edifícios referências da cidade para em seguida entender como estes repercutem nos quatro bairros selecionados para estudo.

O terceiro e último capítulo “Em cada sala um oratório em cada quintal uma oficina: especificidades das casas de Juazeiro” fala da casa e suas especificidades na figura da oficina e do oratório além de explicar a celebração da renovação do sagrado coração de Jesus, importante comemoração religiosa que acontece nas casas.

1. Juazeiro do Norte e Pe. Cícero: uma trajetória inseparável

“Mesmo sem eu ter estudo,
Sem ter do colégio o bafejo,
Juazeiro, eu te saúdo,
Com o meu verso sertanejo.
Cidade de grande sorte,
De Juazeiro do Norte
Tens a denominação,
Mas teu nome verdadeiro
**Será sempre Juazeiro
Do Padre Cícero Romão.”**

(Saudação ao Juazeiro

ASSARÉ, Patativa)

Localizado ao extremo sul do Ceará, o Cariri, onde se encontra a cidade de Juazeiro, destaca-se por suas propriedades geográficas. O vale recebeu a alcunha de “Oasis do Sertão”, devido à presença da Chapada do Araripe, formação sedimentar que possui a maior reserva de água doce do Ceará (Figura 01), sendo tal característica o grande atrativo para a ocupação do território.

No primeiro quartel do século XVIII a região foi ocupada por criadores de gado vindos do Pernambuco e Bahia, atraídos pelas terras planas, fontes de águas perenes e solo fértil. Aos poucos as criações foram destinadas às áreas menos férteis para dar lugar ao plantio de cana de açúcar, que possibilitou o desenvolvimento e prosperidade econômica da região.

Em 1764 foi criada a cidade de Crato, a mais proeminente da região, localidade com maior produção agrícola, que fornecia alimento para os sertões próximos. O plantio de cana de açúcar e a abertura de engenhos, além do crescimento progressivo do comércio renderam à cidade o título de “pérola do Cariri”.

As disputas entre o Cariri e Fortaleza, juntamente com as crises decorrentes das secas que assolaram o sertão, gerando ondas de banditismo, desvirtuaram a vocação daquelas terras. A instabilidade que emergia possibilitou que grupos políticos conservadores e autoritários assumissem o controle da região, e

entre os anos de 1824 a 1850 o vale do cariri foi marcado por um período de instabilidade econômica.



Fonte: Cogerh ce

A própria figura da Igreja apostólica, que neste período da história brasileira possuía grande influência político-social, na região do cariri encontrava-se desmoralizada. Refere Della Cava que George Gardner, viajante inglês que visitou o Crato em 1838, “ficou chocado com o número de padres que tinham amantes e

filhos ilegítimos, os quais eram exibidos, sem pudor, em público”. (CAVA, 2009, p. 61)

O declínio econômico e moral que atingiu o vale só teve melhoras após os anos de 1850 devido o crescimento da demanda de alimentos e produtos no interior fomentaram a retomada do crescimento econômico, em especial do Crato e da nova cidade fundada em 1844, Barbalha. Em um século a região passou de 37 engenhos para mais de 200 (CAVA, 2009 p. 64). A expulsão dos criadores de gado para liberação de áreas para plantio de cana e algodão para exportação consolidou a região no ramo agrícola.

Mesmo com o contínuo desenvolvimento econômico, o número de pobres e miseráveis era considerável e, neste período, uma epidemia de cólera assolou o Ceará. Este quadro de miséria e doença fez com que Padre Ibiapina, originário da cidade de Sobral, voltasse a sua terra natal, apesar da proibição para pregar ali devido às divergências com o clero, só lhe sendo outorgado esse direito em 1862.

Com seu retorno a Sobral, local onde havia grande devoção do povo pela imagem daquele homem simples e santo, surgiu então uma congregação de freiras que não havia sido autorizada pelo papado, mas que conseguiu grande número de seguidores, Tal acontecimento gerou repulsa do bispo que foi pessoalmente a Sobral condenar os atos do padre e expulsá-lo da região.

Logo após, Ibiapina passou a peregrinar e pregar pelos sertões nordestinos. Entre os locais que peregrinou, o andarilho visitou o Cariri por duas vezes, em 1864 e 1865, onde fundou quatro casas de caridade e fez grande número de fiéis, lhe sendo atribuídos inúmeros milagres junto à fonte do bom Jesus, fonte de água natural situada no distrito do Caldas, em Barbalha. Os que se banhavam nas águas conseguiam as mais diversas curas, por tais milagres foi erguida uma capela ao Bom Jesus. (CAVA, 2009, p. 40)

Figura 2: Seminário do Crato concluído em 1875



Fonte: Acervo Diocese do Crato

Em contrapartida a ações como as de Ibiapina surge em Roma o movimento romanizador que visava reaver os bons costumes e tradições católicas; dentro desta ideologia é criada a Diocese do Ceará em 1854 e, em 1861, Dom Luís Antônio dos Santos tornou-se o primeiro Bispo do Ceará, encontrando um

estado envolto em caos, com poucos padres para cobrir toda a área, além de uma grave crise moral, tendo em vista a quantidade de padres que possuíam amantes e filhos. (CAVA, 2009, p. 70)

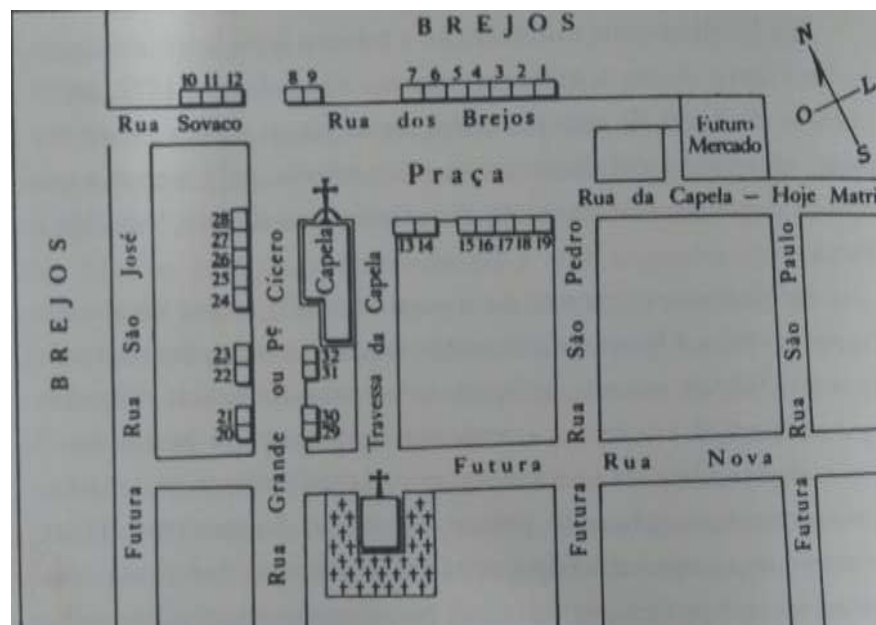
Como forma de contornar a situação ordenou a construção do Seminário Diocesano do Crato, em 1872, levando formação e controle ao interior. Mudou-se temporariamente, em 1875, para acompanhar de perto as obras, e em 7 de março do mesmo ano, inaugurou as atividades do seminário, realizando-as em barracões de palha, concluindo as obras no fim do ano, (Figura 2)

Dentro deste cenário temos o pequeno vilarejo de Joaseiro¹ pertencente a Crato e fronteiro com Barbalha. O povoado se originou da Fazenda Tabuleiro Grande, do então membro da Guarda Nacional Leandro Bezerra Meneses, e aos poucos foi se desenvolvendo, até que em 1827, Padre Pedro Ribeiro Silva, herdeiro das terras, construiu a capela de Nossa Senhora das Dores (NETO, 2009 p. 49).

Outra figura religiosa surge no Cariri cearense, o recém-ordenado Padre Cícero Romão Batista, que retorna a sua cidade natal, Crato, onde deveria celebrar sua primeira missa.

O primeiro ano de sacerdócio não foi marcado por grandes ações ou acontecimentos, porém em 1872 lhe é feito o convite para celebrar uma missa em Joaseiro, que até então contava com duas ruas principais, 32 casas e uma capela dedicada à Nossa Senhora das Dores como visto na figura 3. (CAVA, 2014, p.79)

Figura 3: Mapa de Joaseiro em 1875



Fonte: CAVA, 2014, p.80

¹ Grafia utilizada até início do século XX

Ao chegar ao lugarejo, Cícero associou aquele lugar a um sonho que havia tido na época do seminário, onde viu os doze apóstolos cercando Cristo, tal como a pintura da última ceia de Da Vinci, com uma diferença, Jesus estava com seu peito em chamas, similar as tradicionais pinturas do sagrado coração de Jesus, imagem pela qual Padre Ibiapina também possuía grande devoção. Nesta visão Cícero viu uma multidão de sertanejos miseráveis, e Jesus teria dito a esse povo sofrido que tentaria por mais uma vez interceder por eles, mas que seria necessário que a humanidade demonstra-se sincero arrependimento, caso contrário os céus mandariam castigo supremo. E direcionou uma fala a Cícero onde pedia que tomasse conta daquele povo sofrido. (NETO, 2009, p.44)

Tal visão, atrelada à realidade com que se deparou quando foi celebrar a primeira missa, foi a revelação que precisava para saber que aquele era o povo que Cristo tinha mandado cuidar. Pe. Cícero pediu a Dom Luiz que lhe permitisse ser o vigário daquele lugarejo e, prontamente, seu pedido foi aprovado. Neste momento temos o início da formação do que viria a ser Juazeiro do Norte.

Seguindo a lógica de Padre Ibiapina, religioso por quem Padre Cícero nutria grande apreço, ao fixar-se em Joaseiro iniciou uma irmandade composta por mulheres solteiras, que deveriam dedicar-se a atividades sociais ou a penitência e oração. Dentre

essas saíram grandes educadoras e religiosas que viriam a marcar a história por um suposto milagre, como a Beata Maria de Araújo.

O padre defendia a moral e os bons costumes e impôs severas normas. Uma figura de pulso firme em questões de ordem e da religião, mas muito afável com os seus na igreja. Em pouco tempo o jovem tornou-se querido e respeitado pela população do vilarejo, um homem simples que beirava a miséria, devido o desprendimento material.

Manteve inicialmente uma boa relação com os coronéis e o clero, e desde sua chegada ao vilarejo mostrava grande inclinação para a devoção religiosa, erguendo entre os anos de 1875 a 1884 um novo templo a Nossa Senhora das Dores. Segundo Neto (2009, p. 56) “Para um povoado tão pequeno, aquela edificação de três naves, com duas torres quadrangulares e topos em forma de pirâmide apontando para o céu, construída sem verbas oficiais da igreja, parecia uma verdadeira catedral” (Figura 4).

Figura 4: Capela de Nossa Senhora das Neves em 1884



Fonte: NETO, 2009, p. 57

O convívio entre Cícero e o bispado viria a fragilizar-se em 1886, quando relatou ao bispo Dom Joaquim José Vieira que uma beata, Maria de Araújo, teria tido contato com o divino estando em êxtase em uma celebração. Tal relato preocupou o bispo que lhe pediu que o ocorrido fosse mantido em sigilo, para evitar maiores alvoroços.

Dom Joaquim viria a ouvir novamente o nome da beata em 1889, desta vez não pelo padre, mas sim por jornais da época que noticiavam milagres acontecendo em Juazeiro, noticia que não foi do seu agrado e de imediato pediu retratação a Pe. Cícero, que lhe respondeu prontamente, informando que ao conferir a hóstia a aquela beata, quando entrou em contato com a língua transformou-se em partículas de sangue.

O ocorrido em pouco tempo fomentou a peregrinação de milhares de romeiros. Logo após o suposto milagre o vilarejo recebeu cerca de três mil fiéis, quase triplicando a população local. E conforme a mítica criada sobre o padre e o milagre da beata se espalhava pelo Nordeste, o número de fiéis crescia de forma exponencial. Mas também crescia a ira do alto clero que via com maus olhos a graça ocorrida com a beata, abrindo algumas vezes inquéritos para investigar a veracidade do milagre da hóstia.

Um novo vigário assume a cidade do Crato, e com objetivo de desmascarar Cícero foi reaberto um processo de investigação, e ordenado que todo bem material ligado ao suposto milagre fosse queimado. Porém parte destas provas foram roubadas e escondidas na casa de um amigo do padre, afim de preservá-las. Neste ano foi proibido que se realizasse as celebrações da semana santa em Joazeiro.

Com o desdobramento do processo, o padre é proibido de exercer suas atividades clericais em 1892; tal proibição não afetou a imagem do homem já consagrado santo pelo sertanejo; suas pregações apenas tomaram maior força, agora feitas em sua residência e espaços públicos, atraindo multidões. Onde o padre fosse uma legião lhe seguia.

Cumprindo a promessa que havia feito, inicia a construção de uma nova igreja na serra do Catolé, rebatizada pelo padre como Horto. Esta não foi concluída por temer a Cúria que se tornasse um novo ponto de peregrinação, restando apenas os escombros do início de sua construção (figura 5). Porém, a vontade do padre foi seguida pela população que ocupou a área.

Uma nova personalidade chega ao vale do Cariri, o baiano Floro Bartolomeu, médico, rábula e militar, que em pouco conquista a confiança de Cícero, que lhe incube funções de

articulador político militar. Estando proibido de pregar na cidade Cícero aproveita o ensejo das visitas que fazia a sua mãe para articular movimentos políticos; assim em 1909 uma inquietação é instaurada visando a excomunhão do padre. Paralelo a isso o movimento de independência de Juazeiro cria forças; gerando desavenças com o Crato. Não apenas o clero, mas a oligarquia da cidade não se agrada, o início do processo de emancipação é marcado por violência, os devotos estavam dispostos a lutar cegamente ao lado do *padim*.

Figura 5: Ruínas da igreja iniciada por Cícero no Horto



Fonte: NETO, 2009, p.215

Cícero ordena que não pagassem mais impostos a cidade vizinha, que apenas os impostos estaduais e federais deveriam ser repassados. Aos poucos o padre consegue apoio das outras cidades e, em 1911, a lei 1028 de 22 de julho de 1911, cria a vila autônoma de Juazeiro do Norte. Cícero além de santo local torna-se o prefeito da cidade, convocando coronéis e elaborando um pacto, além de leis rígidas para manutenção da moral e bons costumes na cidade. (NETO, 2009, p.315)

Novamente o padre encontra obstáculos e oposição, não apenas na igreja, mas toma grandes inimigos políticos no Ceará; a família Rabelo que governava o estado durante esse período em 1912 destituiu o Pe. Cícero do cargo de prefeito, ação que gerou grande revolta, e juntamente com Floro Bartolomeu, tem-se início a maior revolta do Ceará, caminhando para a sedição do Juazeiro em 1914, e a criação de um exército de jagunços, sertanejos e cangaceiros, abençoados pelo *padim*, sitiavam as cidades vizinhas e rumam à Fortaleza, onde destituem o governo vigente. Floro torna-se presidente do legislativo e Cícero vice-governador da província do Ceará. Assim o padre consolida o poder e força do Juazeiro do Norte, e reafirma o poder de persuasão e de devoção cega que o seu rebanho nutria por ele.

Tais ações não são bem encaradas pelo clero, e em 1916 é reaberto o processo de Cícero na inquisição. Tratando-o como um

agitador, o processo de excomunhão do padre é tomado a sério pela Santa Sé, e em 1920 é confirmado o veredicto, o padre é expulso da igreja católica, fazendo-o ter que se humilhar diante de seus seguidores, lhes comunicando que não poderia mais recebê-los em casa, celebrar missas e que as romarias deveriam ter um fim. Mas sua fama e a paixão que nutriam pelo homem simples de palavras acessíveis não permitiram que as romarias cessassem; Juazeiro continuou a expandir sobre essa mítica. Recursos foram abertos contra tal processo e em 1922 o padre é readmitido à igreja porém não é habilitado às atividades clericais, pois perde o título de padre. Pode ir apenas às missas e fazer suas orações. Apenas em 2016 o vaticano reabilita Cícero, por deliberação de Papa Francisco.

Cícero Romão Batista morre doente e cego e com sua imagem denegrada com Roma, mas enaltecida pelo homem sertanejo. Em 20 de junho de 1934, a cidade torna-se um mar negro de fieis que choram a morte daquela imagem mítica, controversa e popular, santo para alguns, um coronel de batina para outros, é impossível não reconhecer sua importância na formação de Juazeiro do Norte, uma vez que suas histórias se entrelaçam, não existira padre Cícero sem Juazeiro e não existira Juazeiro sem Padre Cícero (Figura 6).

Figura 6: velório padre Cícero em 1934



Fonte: NETO, 2009, p.512

O legado de Cícero vai muito além do sacerdote que lutou pelo seu povo, foi um homem com pensamentos além do seu tempo. Quando prefeito trouxe investimentos e visibilidade para a cidade, e chama atenção seus ensinamentos ecológicos. Preocupado com a manutenção da chapada do Araripe fez as seguintes indicações sobre ecologia:

Não derrube o mato nem mesmo um só pé de pau. Não toque fogo no roçado nem na caatinga. Não cace mais e deixe os bichos viverem não crie o boi nem os bodes soltos; faça cercados e deixe o pasto descansar para se refazer. Não plante em serra acima nem faça roçado em ladeira muito em pé; deixe o mato protegendo a terra para que a água

não a arraste e não se perca a sua riqueza. Faça uma cisterna no oitão de sua casa para guardar água de chuva. Represe os riachos de cem em cem metros, ainda que seja com pedra solta. Plante cada dia pelo menos um pé de algaroba, de caju, de sabiá ou outra árvore qualquer, até que o sertão todo seja uma mata só. Aprenda a tirar proveito das plantas da caatinga, como a maniçoba, a favela e a jurema; elas podem ajudar a conviver com a seca. Se o sertanejo obedecer a estes preceitos, a seca vai aos poucos se acabando, o gado melhorando e o povo terá sempre o que comer, Mas, se não obedecer, dentro de pouco tempo o sertão todo vai virar um deserto só. (Conselhos Ecológicos do Padre Cícero Romão Batista). SOARES (2015 p. 54)

Mostrando a importância da preservação e cuidado com a natureza, curiosamente a Floresta do Araripe (figura 7) tornou-se a primeira Flora do Brasil, uma floresta preservada, com 73 anos, (ICMbio ,2019)

Figura 7:Chapada do Araripe



Fonte: Acervo Geopark Araripe

Como resultado desta trajetória histórica, Juazeiro chega ao presente integrando a microrregião do Cariri cearense, composta por nove cidades, que irradiam do triangulo CraJuBar, as três principais cidades da região, Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha. Temos a localização da região na figura 8.

Figura: 8 Inserção de Juazeiro na Micro Região



Fonte: IBGE adaptado

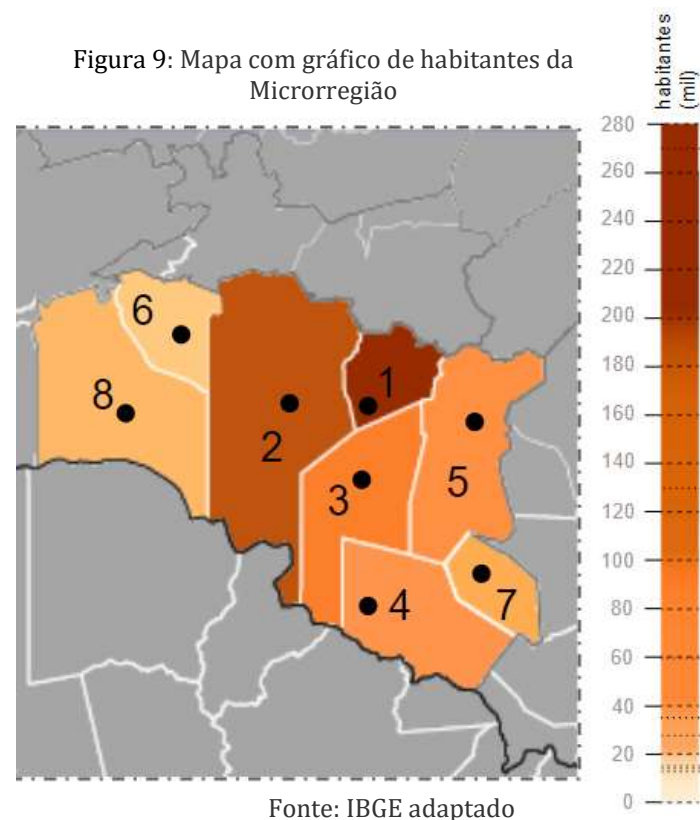
Mesmo tendo porte territorial menor que as demais cidades da microrregião do Cariri (MRC) Juazeiro do Norte consolidou-se, como cidade polo, por concentrar o maior PIB e população da região. Podemos ver a comparação nos gráficos da figura 9. Essas características são resultantes do processo histórico de formação da cidade. Tendo apenas 108 anos de emancipação, apresenta um crescimento gradativo, com características peculiares na sua dinâmica urbana e residencial, que fazem da cidade um exemplar único, de fé e trabalho.

Acontecimentos históricos, em torno da mítica religiosa sobre o Padre Cícero, são elementos cruciais para a formação da cidade; do seu desenho inicial em 1872 quando ainda era conhecida como Joaseiro, até a conformação atual. Do traçado de duas vias com 32 casas e pouco mais de 2 mil habitantes (CAVA, 2014 p.78) a uma cidade com 98% do seu território urbanizado, com quase 300 mil habitantes, (IBGE, 2018). A criação de marcos e monumentos na cidade durante sua história, ligadas a figura dos romeiros foram elementos cruciais para a delimitação e organização espacial atual.

Segundo Brule (2013), “Juazeiro do Norte possui o centro tradicional e o novo centro. O primeiro oriundo do início da formação da cidade e o segundo surgindo após a construção do

Cariri Shopping em 1997”, próximo à rotatória do triângulo que liga as três cidades principais.

Figura 9: Mapa com gráfico de habitantes da Microrregião



O centro tradicional está vinculado ao núcleo de formação inicial da cidade, a capela da fazenda Tabuleiro Grande, que fora dedicada à Nossa Senhora das Dores, erigida por volta de 1827, onde em seu entorno surgiram os primeiros arruamentos; a rua grande (atual avenida Pe. Cícero) e rua nova (atual rua Dr. Floro

Bartolomeu), tal como as primeiras residências. (NETO, 2009 p. 48)

O lugarejo manteve tal configuração por cerca de meio século, até a chegada do Padre Cícero Romão em 1872, quando tornou-se o capelão local, iniciando um trabalho de evangelização e criação de uma irmandade de mulheres solteiras.

Usando de sua influência e quererismo popular, agindo quase como forma profética, ampliou a simplória capela a uma igreja com três naves, que viria ser de grande importância a partir de 1889, quando ocorre o suposto milagre da hóstia com a beata Maria de Araújo, evento precursor das romarias que viriam acontecer em Joazeiro.

Como já é sabido, o “milagre” desagradou grande parte do clero, que acarretou na punição e privação das atividades eclesiais de Cícero, que continuou a guiar seu rebanho e dedicou-se à carreira política, articulando junto a Floro Bartolomeu a emancipação do Joazeiro, processo que durou de 1909 a 1911 quando foi outorgada a criação de Juazeiro do Norte.

Como o padre não possuía mais obrigações legais com a igreja, todo o dinheiro arrecadado em seu nome nas romarias, era revertido em caridade e na própria estrutura da cidade. Com tal capital oriundo da fé e a nova estrutura política que se formava, a

cidade passa a ter novas atividades e, por conseguinte, uma modificação na dinâmica espacial. Os equipamentos de administração pública ocupam o entorno da praça Almirante Alexandrino que passou a ser chamada de praça Pe. Cícero.

Com a implantação da Estação ferroviária e da via férrea em 1920 a cidade ganha um novo contorno, propiciando-lhe um novo eixo de expansão, além de prover um deslocamento e conexão mais eficaz e ágil entre Juazeiro e a capital, Fortaleza, tendo sido incorporada à rede viação cearense. (BRULE, 2013 p. 5)

A morte de Padre Cícero gerou grande impacto na cidade. Em 1934, ano do seu óbito, Juazeiro possuía uma população de cerca de 60 mil habitantes; com tal acontecimento o fluxo de romeiros e o surgimento de uma nova romaria, ampliaram ainda mais a circulação de mercadoria, capital e pessoas na cidade, chegando a receber cerca de dois milhões de fiéis por ano, com recente crescimento de 20% após a reabilitação de Padre Cícero pelo Papa Francisco em 2016. (PMJN, 2019).

A estátua do Padre foi erguida em 1969 no alto do Horto, local que já havia sido ocupado desde 1920, consolidando ainda mais a área como ponto de peregrinação dos romeiros, distando

aproximadamente 5 km da basílica menor, e em formação concomitante com o centro tradicional.

No entanto, a zona central congrega as duas principais características da cidade de Juazeiro do Norte: a romaria e o comércio. A centralidade religiosa, expressa pela fé em Padre Cícero, possui um centro que coaduna com o seu núcleo urbano original (BRULE 2013 p. 7)

Tendo o centro tradicional crescido no sentido norte-sul, indo de encontro à via férrea, que serviu como eixo de expansão da cidade e um divisor no seu traçado, entre os centros; tem-se na gênese da cidade a implantação de equipamentos religiosos que estão ligados diretamente a padre Cícero ou aos seus ensinamentos. Edificações que se tornaram marcos na cidade e norteadores da formação dos bairros tradicionais, além de comporem uma rota de peregrinação feita pelos romeiros que visitam Juazeiro.

Para entender a dinâmica dos bairros é preciso compreender a dimensão simbólica do lugar geográfico, que é definida por Ribeiro, uma vez que estes bairros se organizam entorno de símbolos religiosos, e são locais de devoção popular.

Portanto, tratar o lugar geográfico dentro do enfoque da dimensão simbólica implica considerá-lo e compreendê-lo dentro das teias de significados nas quais ele está inserido. Assim, a sua análise ultrapassa os seus aspectos físicos concretos, pois tem agregado à sua visibilidade uma dimensão invisível, que alguns autores denominam “espírito”, composta pelos valores, significados, sentimentos, concepção e ideias. (RIBEIRO, 2003 p. 77)

Tal espírito, que pode ser compreendido como uma “vocação”, que o local possui em virtude da carga de significados e história que o envolve, as manifestações e atos acontecendo na cidade durante seu processo de formação, de algum modo encontraram na arquitetura uma forma de materializar-se. Ribeiro (2003 p. 79) diz que: “De fato, a vocação de determinado lugar é significar, enquanto a do arquiteto é interpretar e compreender essa significação.”

Compreendendo a dimensão simbólica do espaço e sua vocação é possível entender sua gênese e a partir disso buscar o elemento precursor da ocupação do local, buscando perceber a

morfologia de parte da cidade. Para isso será adotado Lamas, que aponta que:

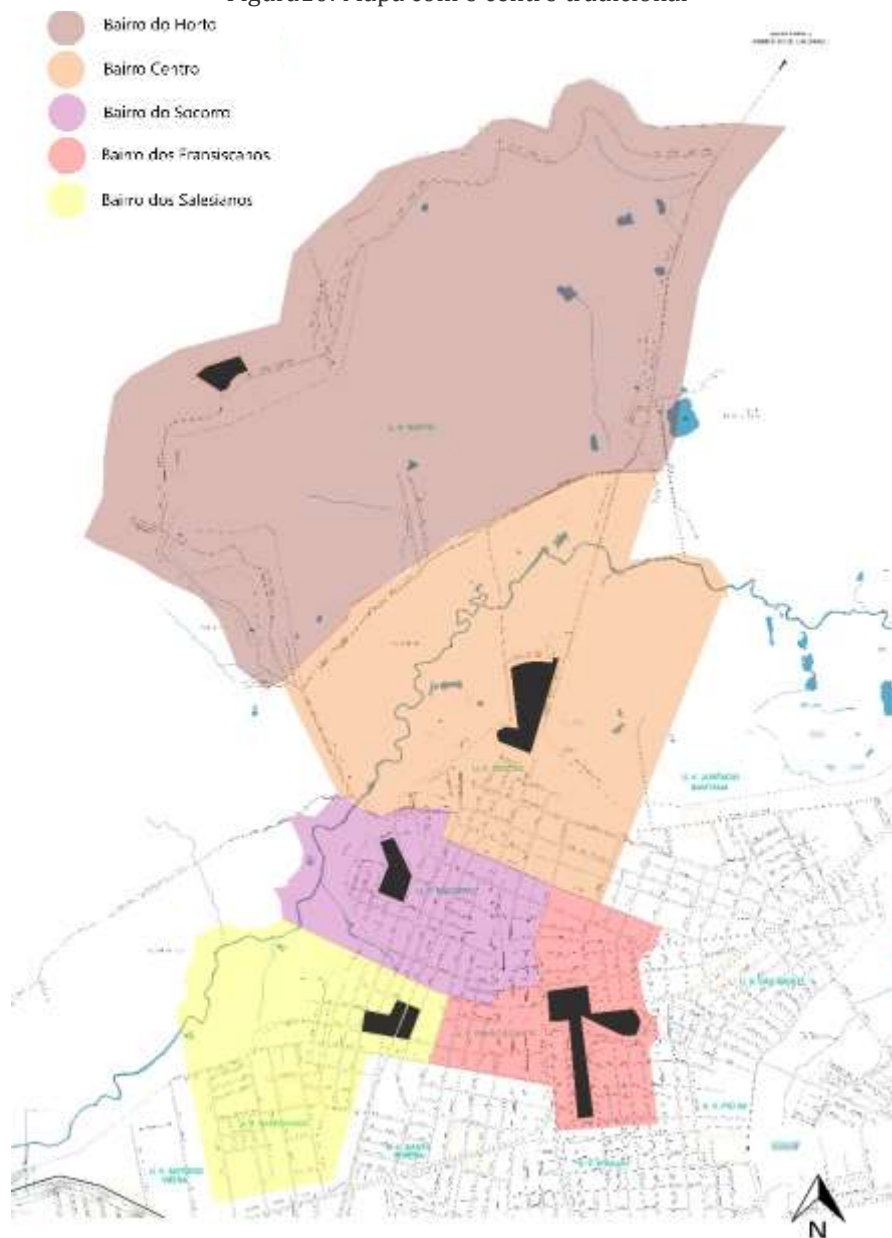
Os estudos do solo urbano, dos traçados, do cadastro e da ocupação construída permite verificar que, determinados elementos morfológicos ou arquitectónicos persistem em qualquer cidade. Com estas conclusões, M.Poète estabelece o conceito de persistência, que seguidamente é utilizado por Lavedan, o qual assemelha a <<persistência>> a uma persistência de <<espírito>> na geração do plano. Através dessa geratriz é possível **remontar na história e reconstruir a formação da cidade**. A análise histórica da cidade revela existirem elementos em contínua transformação e elementos que não se modificam totalmente e persistem. Estes últimos são principalmente **os monumentos**, os traçados, as vias e também, em certa medida, a estrutura fundiária. (Lamas, 1993)

As razões dessa permanência são diversas e dificilmente comparáveis. “Para o monumento existira a carga cultural e significativa, o valor histórico, a memória coletiva. (LAMAS 2004, p. 114)

Deste modo será verificada a formação do centro tradicional a partir da “permanência” dos monumentos, tendo em vista seu caráter de persistência devido ao seu valor histórico e de memória coletiva para o juazeirense e romeiros, atrelando os edifícios à imagem mítica e santa de Pe. Cícero.

O centro tradicional é composto por 5 bairros, Figura 10, cada um correlacionado a um monumento da cidade vinculado ao padre, são eles: Centro (Basílica menor de Nossa Senhora das Dores), Socorro (Cemitério e capela do Socorro), Horto (casa do padre Cícero, estátua do padre), Salesianos (Colégio Dom Bosco e Santuário sagrado coração de Jesus), Franciscanos (Santuário de São Francisco das Chagas) e São Miguel (Igreja São Miguel).

Figura10: Mapa com o centro tradicional



Fonte: PMJN modificado

2. Os marcos do Pe. Cícero na forma e imagem da cidade

“O edifício singular torna-se peça do sistema urbano e autonomiza-se até ser ele próprio gerador da forma urbana.”.

(LAMAS 2004, p.184)

Dentre os bairros supracitados do centro tradicional, quatro destacam-se pelo grau de importância dos elementos de formação. Será percorrido sobre os bairros Centro, Socorro, Salesianos e Horto, a fim de perceber sua origem e a relação do padre com os monumentos arquitetônicos e seu respectivo impacto no entorno, tal qual a repercussão no uso das residências pelas famílias.

Tais bairros foram formados ao longo de sete décadas; neste intervalo quatro inserções no meio urbano regeram o crescimento da cidade: em 1884 a então capela de Nossa Senhora das Dores é ampliada para uma igreja com três naves, modificando o *skyline* da cidade; em 1920, com o lançamento da pedra fundamental da igreja do Horto e a construção da via férrea que seria o novo limite da área urbanizada da cidade, acompanhada pelo prolongamento da rua Padre Cícero; em 1939 a construção do colégio dos Franciscanos com a herança deixada pelo padre Cícero; e 1950 pela construção do santuário de São Francisco das Chagas.

Dois outras inserções a *posteriore*, viriam a consolidar a ocupação dos bairros Salesianos e Horto, sendo elas o santuário do Sagrado Coração de Jesus, iniciado em 1950, e a construção da estátua do Pe. Cícero no alto do Horto, em 1969.

Cada bairro possui suas próprias especificidades, que serão percorridas posteriormente. Os referenciais arquitetônicos existentes nestes bairros, são em sua totalidade ligados ao catolicismo, surgem a partir de manifestações populares e de desejos religiosos. A forma do espaço reflete a cultura da população que a compõe, segundo Lucia Leitão

A relação com o espaço edificado, bem como os usos que os vários grupos humanos fazem dele, variam de acordo com a cultura em que cada um está inserido. Mostram, ainda, que a relação com o espaço está impregnada de referências pessoais de difícil precisão. No que se refere à cultura, por exemplo, o uso que as pessoas fazem do espaço aponta, claramente, para o sentido e a função diferenciada que cada sociedade lhe dá. (LEITÃO, 2014, p.23):

2.1. Edifícios referenciais

Os edifícios referenciais são importantes não só do ponto de vista de sua relevância histórica ou seu valor artístico, são elementos que por si só permitem uma leitura da cidade, dotadas da imageabilidade proposta por Kevin Lynch onde a “qualidade de um objeto físico que lhe dá uma alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador refere-se à forma, cor ou arranjo que facilitam a formação de imagens mentais do ambiente fortemente identificadas, poderosamente estruturadas e altamente úteis”. (LYNCH, 1960, p. 9)

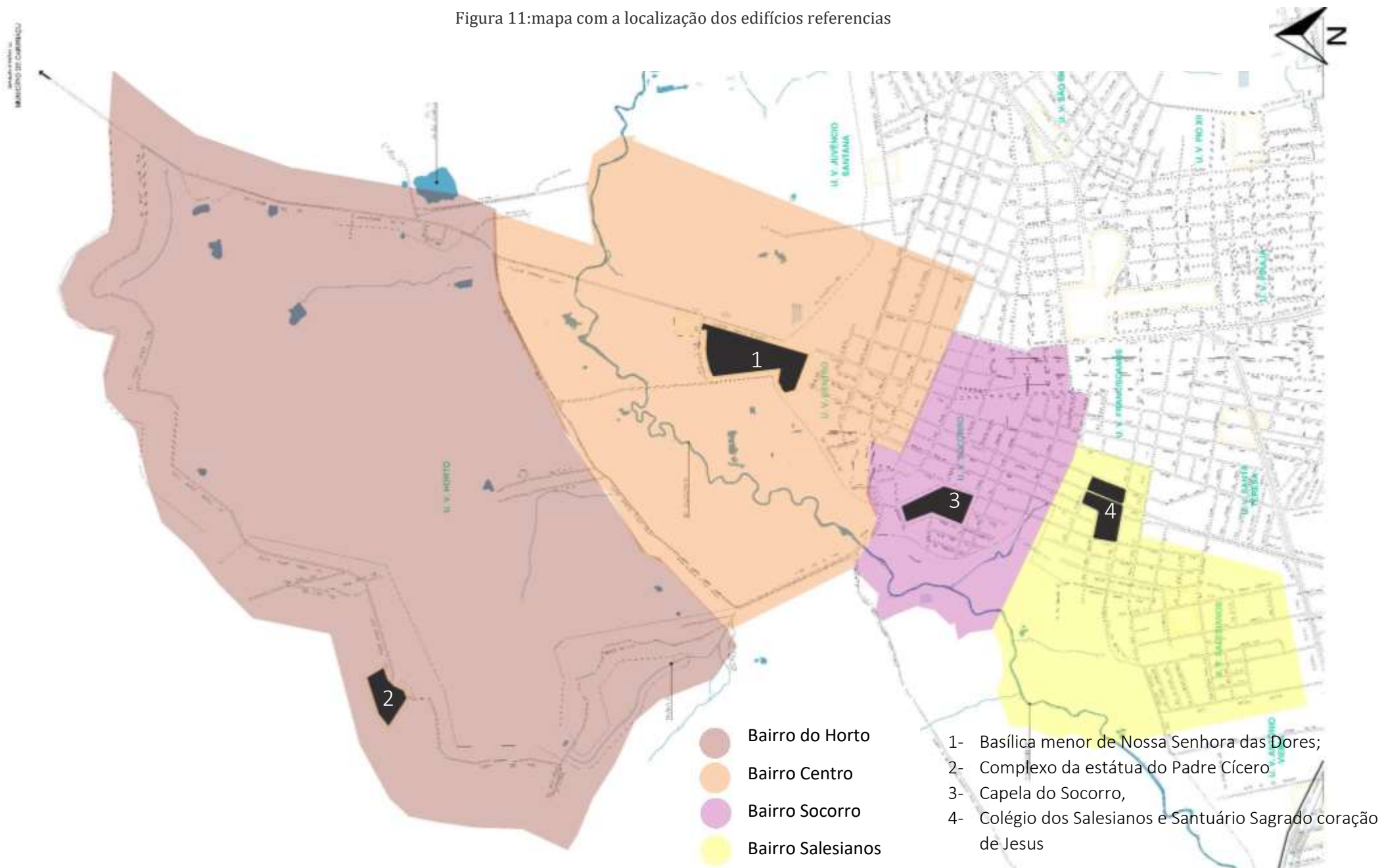
Erígidos em momentos diferentes, contam em sua matéria a história da cidade, propiciando a legibilidade dos bairros que para Lynch (1960, p.2) é a “facilidade com que cada uma das partes [da cidade] pode ser reconhecida e organizada em um padrão coerente”.

Na figura 11, temos o mapa dos bairros em estudo com os respectivos edifícios marcados em preto e enumerados, onde é possível ver sua relação com o entorno, servindo como pontos a partir de onde o bairro se forma. A seguir será discorrido sobre estas edificações, para melhor entendimento de sua importância histórica, e como isso marca a imagem construída da cidade, como um local de fé e terra santa para o sertanejo.

Os edifícios referenciais existentes nos bairros mais antigos da cidade estão diretamente ligados à figura do Padre; e foram erigidas no intervalo de 1875 a 1920, período de plena atividade de Cícero em Juazeiro. Quatro edificações foram feitas ou iniciadas nesse período; no bairro Centro, em 1875, aconteceu a construção da nova igreja matriz pelo próprio clérigo, local onde protagonizou o milagre da hóstia; no Socorro uma devota ergueu uma capela à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro como agradecimento por restabelecer a saúde do padim, transformando-a no local de inumação dos seus e onde foi, posteriormente, sepultado em frente ao altar; e em 1920, no alto do Horto deu início à construção de uma capela que fora embargada, porém, no mesmo período, adquiriu uma residência que foi transformada em retiro espiritual.

Os edifícios erígidos no bairro Salesianos possuem relação indireta com o padre, são frutos de um desejo expresso no testamento de Cícero, que deixou grande parte de seus bens para a ordem Salesiana se instalar em Juazeiro e edificar uma escola. Seu desejo foi entendido e em 1939 as obras foram iniciadas; por fim, em 1950, iniciam a construção de uma igreja ao sagrado coração de Jesus, um dos símbolos de devoção de Padre Cícero.

Figura 11: mapa com a localização dos edifícios referencias



Basílica menor de Nossa Senhora das Dores:

Foi erigida inicialmente como a capela da fazenda Tabuleiro Grande, terras que dariam origem a Juazeiro, a mando do Padre Pedro Ribeiro Silva, que havia herdado a propriedade. A sua primeira versão era de extrema simplicidade, feita em taipa, com telhado de duas águas e um pequena cruz na cumeeira. Vemos nas figuras 12 e 13, recriações artísticas desta capela feitas por Assunção Gonçalves, afilhado de Cícero, por volta 1875.

Figura 12: Povoado de Juazeiro por volta de 1872, capela a direita



Fonte: NETO, 2009, p.49

Figura 13:: povoado de Juazeiro por volta de 1872, capela a esquerda



Fonte: NETO, 2009, p.49

Essa versão simplória da capela, perdurou por 48 anos, quando já sob tutela de Padre Cícero sofreu sua primeira grande intervenção. Uma nova edificação foi construída em regime de mutirão de 1875 a 1884, modificando por completo a imagem da cidade, uma igreja com três naves e duas torres acenando para os céus, torna-se a edificação mais alta da cidade. Vemos a segunda configuração desse templo na figura 14.

Figura14: 40egunda versão da Igreja em 1884



Fonte: NETO, 2009, p.57

Depois do milagre de 1889, o templo passou a ser o principal ponto de peregrinação dos romeiros que visitavam Juazeiro, passou a ser conhecida como a casa da Mãe das Dores. A devoção por esse espaço era tamanha que se recusavam a entrar na cidade caso soubessem que estava fechada, por ser este, por obrigação, o primeiro lugar que deveriam visitar. (PAZ, 2014, p. 139).

Com a criação da diocese do Crato em 1916, como novas formas de tentar conter o movimento religioso popular que acontecia em Juazeiro, o bispo Dom Quintino resolve iniciar uma série de reformas na igreja, visando apagar a imagem de Cícero,

removendo e substituindo o que tivesse ligação com ele. Deste modo a fachada foi restruturada, sendo retiradas as duas torres e em seu lugar erguida uma ao centro, e com a demolição do altar mor, uma tentativa frustrada de tentar desvincular a imagem do padre à edificação (PAZ, 2014, p.140). Vemos na figura 15, um registo da terceira configuração da igreja.

Figura15: terceira versão da igreja, foto da década de 40



Fonte: Acervo Renato Dantas

Os romeiros apropriavam-se dos espaços do templo, sendo este o ponto convergente das romarias onde era comum ver manifestações das mais variadas nos horários em que não havia celebração de missas. Neste intervalo praticavam sua devoção, liam suas liturgias particulares, meditavam ou simplesmente buscavam um local confortável para permanecer.

As romarias ainda eram mal vistas pela Igreja, e uma nova reforma foi feita com o intuito de dificultar os usos populares do espaço. Uma praça cercada por uma arcada sob pilares, destinada a missas campais, rendeu o apelido de vaticano para o local, com essa delimitação espacial e a implementação de mais missas ao longo do dia a apropriação desse local sagrado pelos romeiros se tornou mais difícil.

Em 1958 chega à paróquia de Nossa Senhora das Dores o Padre Murilo de Sá Barreto, que desempenhou importante papel dentro da igreja em Juazeiro. Tornou-se pároco em 1966, e como seguidor declarado de Padre Cícero, lutou pelos romeiros, sendo considerado por eles o sucessor do padim. Instituiu uma das celebrações mais belas e ricas das romarias, a missa do chapéu, onde os romeiros recebem a benção de despedida de Juazeiro, que ocorre na praça em frente à igreja. Recebeu o título de monsenhor em 2003 pelo reconhecimento do seu trabalho e faleceu em 2005, sendo sepultado dentro da igreja de Nossa Senhora das Dores, devido à relação que fizeram dele com Cícero; seu túmulo é alvo de peregrinação, dando a este espaço mais um exemplo de devoção popular.

Sendo a igreja matriz da cidade, nos anos 2000 recebeu dois importantes títulos que reconhecem sua importância dentro da igreja; em 2003 o bispo Dom Fernando Panico, que chegou à

diocese do Crato em 2001, e buscou melhorar a relação com os movimentos populares que aconteciam em Juazeiro, reconhecendo a importância da romaria e dos agentes que permitem com que ocorra, eleva a igreja à condição de santuário diocesano. Posteriormente o vaticano confere, em 2006, o título de basílica menor, sendo a segunda do Ceará e umas das cinquenta existentes no Brasil. Hoje a configuração do templo remonta à de 1958, como vemos na figura 16, cercada pela arcada e com uma torre única.

Figura16: Basílica menor Nossa Senhora das Dores - 2019



Fonte: Acervo pesquisa

Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro:

Próximo à matriz temos o cemitério da cidade, existente desde o início da sua formação e, anexa a ele, a capela do Socorro, como normalmente é chamada. Foi erigida em 1908 (figura 17) como pagamento de uma promessa feita por Hermínia Gouveia, que prometera a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro erguer um templo em sua homenagem caso a saúde de Padre Cícero fosse reestabelecida. Com sua graça alcançada construiu a capela conforme prometido à santa.

Figura17: Capela do Socorro década de 30 ou 40



Fonte: Acervo Renato Dantas

Como esperado, por possuir vínculo com a imagem de Cícero, a construção da capela não foi tão simples, o alto clero temia que aquele local pudesse se tornar um novo ponto de peregrinação, recusando-se deste modo a consagrar o lugar e reconhecê-lo oficialmente como solo sagrado.

Cícero dificulta ainda mais o reconhecimento sacro do templo quando ordenou, em 1914, que inumassem os corpos de Hermínia e da beata Maria de Araújo, protagonista do milagre de 1889, dentro da capela. Posteriormente sua mãe, dona Quinô, sua irmã Angélica e uma de suas empregadas tiveram a mesma honraria. (PAZ, 2014, p.144)

Mesmo tendo sido erigida em 1908, só foi reconhecida e benta em 1932, deste modo nenhuma celebração foi realizada nesse intervalo de 24 anos, servindo como um mausoléu dos entes queridos do padre. Dentro deste interstício uma reforma foi feita em 1930, para restabelecer parte da estrutura e troca do piso; e durante as obras foi constatado um fato curioso, ao abrirem o túmulo da beata, não encontraram seus restos mortais, apenas um escapulário, fato que alimentou o imaginário popular, e as teorias conspiratórias contra a diocese do Crato.

O que trouxe notória importância para a capela foi o fato de em 1934, Padre Cícero ser sepultado em seu interior, de frente

para o altar. De imediato aquele local tornou-se sacro para os romeiros, pois ali repousava um santo; e no mesmo ano do seu óbito foi construído na frente da capela um nicho com uma estátua sua em tamanho real, (figura 18) que se tornou local de devoção. Em 1935 o segundo bispo do Crato, dom Francisco de Assis, lança uma carta com a proibição da prática, que não surte efeito algum, os romeiros continuaram com suas venerações. (PAZ, 2014, p.144)

Figura18: Nicho com estátua do padre em 1941



Fonte: Acervo de Renato Casimiro e Daniel Walker.

A capela sofreu ampliação em 1948; nessa época alguns detalhes foram acrescentados à fachada e nos anos 2000 teve início a construção do campanário, forma que persiste até hoje, 2019, como podemos ver na figura 19.

Figura19: Capela do Socorro após reformas dos anos 2000, foto de 2019



Fonte: Acervo Igor Santos

Complexo do Horto:

Constituído hoje pelo museu vivo do Padre Cícero, sua estátua e a nova igreja do Bom Jesus, rememorando o templo que foi iniciado na década de 20, mas em outro ponto do Horto e com características completamente diferentes.

Próximo ao local onde ia erigir a capela, Cícero adquiriu uma residência, local que foi convertido em um retiro espiritual, onde ia com os seus seguidores para orar e conectar-se com Deus; vemos imagens desse local na figura 20. A casa em linguagem *art déco*, destaca-se pela grandiosidade, uma residência de primeiro andar, com grande número de quartos e salas. Fica situada na parte mais alta da serra do Catolé, que foi rebatizada por Cícero de Serra do Horto, o local mais alto da cidade a aproximadamente 377 m do nível do mar.

Com a morte de Cícero sua herança foi deixada para os padres salesianos que deveriam continuar suas obras de caridade. Transformaram a casa em um museu vivo do padre, onde peregrinos vão em busca de conhecer um pouco mais do padrinho, pedir por alguma graça ou pagar por tais, sendo o espaço mais interessante do interior a sala dos ex-votos, local onde os fiéis deixam uma prova do milagre alcançado, que em sua

maioria são réplicas de partes do corpo feitas em madeira, como vemos na figura 21.

Figura 20: Casa do padre Cícero no Horto



Fonte: Vasconcelos e Neri

Figura 21: sala dos ex-votos museu vivo pe. Cícero



Fonte: Acervo Igor Santos

Na década de 1960, devido ao intenso fluxo de romeiros na cidade, o poder público resolveu erigir uma estátua em homenagem ao santo popular. Para tal empreitada foram contratados o arquiteto Armando Lacerda e o engenheiro Rômulo Ayres, inicialmente a estátua deveria ter sete metros de altura, mas ao decorrer do processo de concepção Armando optou por propor um monumento de 27 metros de altura, que foi inaugurado em 1º de novembro de 1969 pelo então prefeito Antônio Mauro Sampaio, figura 22 (PHILLIPE, 2017)

Figura 22: Mauro Sampaio participa da inauguração da estátua ao lado de Padre Murilo (à esquerda) e dos irmãos Adauto e Humberto Bezerra



Fonte: Acervo Jacqueline Sampaio

Com a concepção de Armando, coube ao barbalhense Jaime Magalhães transferir o protótipo, figura 23, para a escala real, em

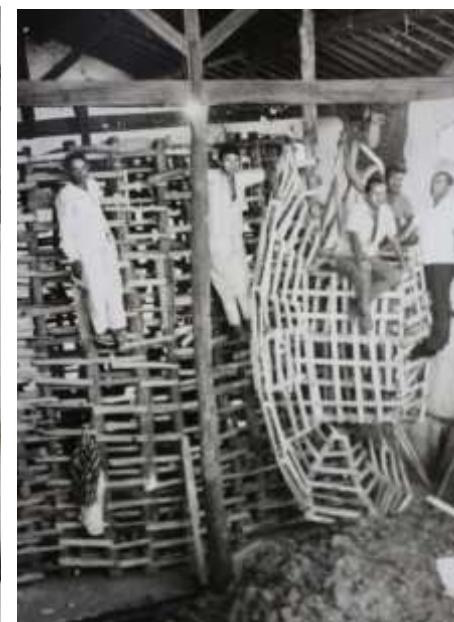
agave e gesso, que seria levada ao horto para ser concretada, figura 24.

Figura 23: Protótipo da estátua



Fonte: Acervo Jacqueline Sampaio

Figura 24: Molde do chapéu em agave



Fonte: Acervo Jacqueline Sampaio

No fim dos anos 90 os padres salesianos deram início à construção da igreja do Bom Jesus, em memória a Padre Cícero e sua promessa feita em 1877; quando concluído, o templo terá cerca de sete mil metros quadrados. Erguido com recursos oriundos de contribuições feitas pelos fieis, possui forma cônica e uma torre de 48 metros de altura, figura 25, sendo uma edificação

diferente das encontradas no cariri e, por isso destaca-se na paisagem.

Posteriormente ao início da construção da nova igreja, nos anos 2000, foram iniciadas obras de infraestrutura feitas pela prefeitura para prover melhor acesso e circulação na área do complexo, além de atender a demanda dos moradores, que foram surgindo após a década de 70. Com a Igreja do Bom Jesus este complexo ficou composto por três edificações, de tempos diferentes que retratam expressões de fé de formas diferente, mas que comungam de uma mesma força motriz, a devoção ao Padre Cícero Romão.

Figura 25: Igreja do Bom Jesus em construção - 2018



Fonte: Igor Santos

Colégio Dom Bosco:

Pertencente à ordem dos padres salesianos, o colégio foi construído para atender ao desejo de Padre Cícero, que deixou expresso em seu testamento que tal colégio fosse erigido com a herança que deixou para a ordem dos salesianos. O local escolhido para receber o equipamento foi a praça Pio X, trecho em expansão da cidade próxima à linha férrea. As obras tiveram início cinco anos após sua morte, em 1939.

O conjunto do colégio foi erigido em linguagem *art déco*, sendo a capela de Nossa Senhora Auxiliadora a primeira parte a ser concluída, (Figura 26), o restante da edificação seguiu a mesma linguagem.

Registrou Almeida (2011, p.150) que “No dia 28 de fevereiro de 1941, a parte já construída do futuro colégio ficou totalmente coberta e as salas estavam sendo limpas. Era um domingo do mês de março em 1941”. No entanto, suas obras só foram totalmente concluídas em 26 de abril de 1942, (figura 27) sendo a inauguração motivo de grande festividade na cidade além de marcar uma mudança na educação da população do Juazeiro e do cariri, (IBGE 2016) rivalizando com o Crato em nível de educação. Ao decorrer dos 77 anos de funcionamento foram

acrescidos estacionamentos na parte traseira, campo de futebol e piscina na lateral da edificação, sem alterar sua proposta inicial.

Figura 26: Obras da Capela de Nossa Senhora Auxiliadora em 1939



Fonte: Vasconcelos e Neri

Figura 27: colégio Salesianos década de 40



Fonte: Biblioteca IBGE

Santuário Sagrado Coração de Jesus:

Outro empreendimento dos padres Salesianos ligado aos desejos expressos por Padre Cícero em vida, é o templo dedicado ao Sagrado Coração de Jesus, imagem pela qual demonstrou grande devoção durante toda sua vida. Trata-se de uma obra monumental que durou duas décadas para ser finalizada, sendo iniciada em 1949 e inaugurada na década de 1970.

Está localizada às margens da Avenida Padre Cícero, principal via arterial da cidade; com sua fachada oeste de frente para o colégio dos salesianos. A Igreja de forma cruciforme, seguindo uma leitura neorromânica, destaca-se no entorno pelo seu porte. Vemos na figura 28 o início das obras com a montagem dos gabaritos, e ao fundo o conjunto do colégio dom Bosco, com menos de dez anos de sua inauguração.

Figura 28: Início das obras do Santuário Sagrado Coração de Jesus 1950.



Fonte: Acervo Cariri das Antigas

Como ficou registrado na figura 29, na década de 1960 seu invólucro estava basicamente concluído, restando a conclusão das torres, o interior e telhado. Como é possível perceber é uma edificação sólida, densa, feita em blocos de tijolo maciço, com a presença de um nártex na sua entrada e uma grande abertura onde foi inserido uma rosácea do Sagrado Coração de Maria. (Figura 30) Sua construção foi acompanhada pelo desenvolvimento do bairro, na década de 70;

Figura 29: Santuário do Sagrado Coração de Jesus década de 60



Fonte: Acervo Renato Dantas

Concluída em 1978, recebeu a doação das imagens internas do Sagrado Coração de Jesus feita por alunos salesianos de Genova na Itália, além de outras imagens de origem italiana

trazidas polo próprio Cícero, quando foi a Roma em busca da sua ordem sacerdotal.

No decorrer desses quarenta anos de sua inauguração, não sofreu grandes intervenções no corpo do edifício, apenas a mudança do seu revestimento externo que era em pintura látex amarelado, por um revestimento de pó de granito cinza, que possui maior afinidade estética com a linguagem do edifício. Outras obras feitas foram no agenciamento do templo, a construção de um muro traseiro e obras de acessibilidade. O edifício apresenta a mesma leitura de sua construção como vemos na figura 31.

Figura31: Santuário Sagrado Coração de Jesus



Fonte: PMJN

Figura 30: Rosácea do Sagrado Coração de Maria



Fonte: tripadvisor

Ribeiro (2003), no seu livro “A dimensão simbólica da arquitetura”, traz a ideia da arquitetura como artefato cultural, a visão da arquitetura além da matéria edificada, a necessidade de compreender a história, os símbolos e as relações sociais.

A arquitetura, sendo uma prática significativa e uma das expressões físicas de determinada cultura, é, assim como o homem, um artefato cultural, uma estrutura de significações por meio da qual o homem dá forma às suas experiências no tempo e no espaço e cujo fundamento se encontra principalmente vinculado ao simbólico.
(RIBEIRO 2003, p.41)

Os sete edifícios relatados são testemunhos da formação da cidade, foram edificados no eixo norte sul, e cada nova edificação marcou um tempo e uma história. Sua inserção na malha urbana influenciou na forma de ocupação do espaço e na percepção do mesmo.

Esses são pontos que atraem milhões de turistas por ano e hoje são intensos locais de peregrinação, constituindo o principal roteiro religioso do Juazeiro durante as romarias.

Veremos no item 2.2 a relação existente entre os edifícios referenciais e a ocupação dos bairros, e se sua inserção contribuiu para a expansão e consolidação dos bairros que constituem o centro tradicional de Juazeiro do Norte.

2.2. Os bairros

Os bairros são formados pela reunião de quarteirões com características comuns; Lamas pressupõe que: “uma estrutura de ruas, praças ou formas de escalas inferiores corresponde numa cidade aos bairros, às partes homogêneas identificáveis, e pode englobar a totalidade da vila, aldeia, ou da própria cidade (LAMAS, 1993, p. 74).

Nesta parte do trabalho nos deteremos em estudar os bairros Centro, Socorro, Horto e Salesianos, percebendo sua ocupação a partir da inserção dos edifícios referenciais vistos no item anterior. Ao decorrer do processo de desenvolvimento da cidade as áreas centrais tiveram seus usos modificados, assim cada bairro resguarda uma característica comum; pela concentração de comércio, residências ou serviços.

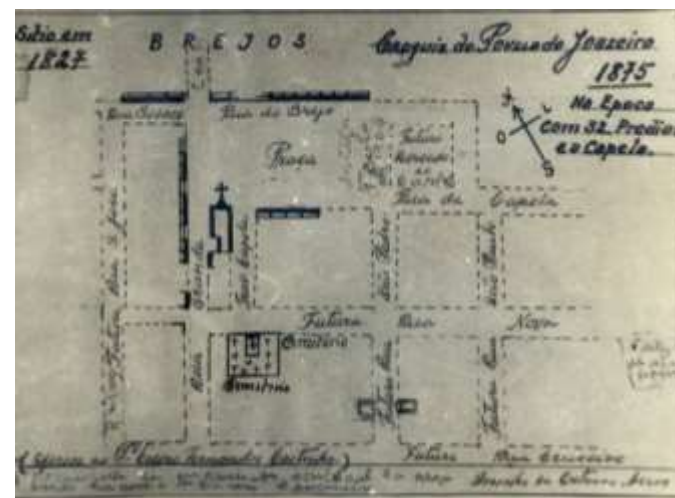
Uma característica que confere unidade aos quatro bairros é o fato de terem a presença de um importante símbolo religioso para os devotos de Padre Cícero, que em conjunto compõe um ciclo de peregrinação, percorrido por milhões de romeiros por ano.

Centro:

De forma tímida a ocupação desse território inicia em 1827, com a construção da primeira versão da capela de Nossa

Senhora das Dores, organizando em seu entorno o primeiro aglomerado urbano que viria a formar o vilarejo de Joazeiro, Esta configuração se manteve por 48 anos até 1975, como vemos na figura 32.

Figura32: planta de Joazeiro de 1827 a 1875



Fonte: Acervo cariri das antigas

Como já é sabido, Cícero torna-se capelão da cidade em 1872, três anos depois inicia a ampliação da igreja para uma versão com três naves e duas torres e, em 1889, protagoniza o suposto milagre da beata Maria de Araújo. (NETO, 2009, p.66.) Este é o ponto de virada onde o vilarejo começa a crescer em virtude das peregrinações e migração de romeiros para a nova terra santa.

Com o acúmulo de capital e poder político é elevada à categoria de cidade em 1911, fato que requer mudanças na

organização espacial para comportar os poderes políticos e judiciais. Neste momento a, até então, praça Almirante Alexandrino, atual praça Pe. Cícero, resguardava os edifícios mais sofisticados da cidade, temos na figura 33 uma vista parcial da praça da década de 1920.

Figura 33: vista parcial praça Almirante Alexandrino década de 1920



Fonte: Acervo cariri das antigas

Através das cartografias e imagens da época, percebe-se que o bairro possui duas principais vias, a rua Padre Cícero que possuía predominância de uso residencial, era o local de moradia das famílias mais tradicionais da cidade e a rua São Pedro destinada ao comércio. Este uso pode ser visto na figura 34, em um trecho do mapa da cidade de 1955.

Com o crescimento do comércio e das romarias, o centro passou a ser um lugar menos atrativo para as famílias mais nobres da cidade, e com a especulação imobiliária dessa área ao decorrer

dos anos tornou-se um bairro comercial. Foi o primeiro bairro a se consolidar ainda na década de 1920 mas sofreu severas modificações devido a mudança de uso, restando poucos exemplares do seu período de formação. Mesmo perdendo a característica residencial, a ligação com a figura do Padre Cícero é intensa, comumente seu nome ou imagem é associada a logotipo ou nome das empresas.

Figura 34: trecho mapa do Juazeiro do Norte em 1955



Fonte: Acervo Renato Dantas

É neste bairro que temos o principal ponto de artesanato da cidade, o centro de Cultura Mestre Noza, local que abriga grandes artesãos da região, oferecendo melhores condições de trabalho em comparação com as que tinham em suas oficinas residenciais; um local onde a presença do mestre e do aprendiz mantem-se intacta. A principal atividade realizada é a produção de imagens sacras esculpidas, e segundo os vendedores as imagens de padre Cícero são as que tem maior procura, e podemos ver essa produção na imagem 35.

Figura 35: Produção do Centro Cultural Mestre Noza



Fonte: Acervo Mestre Noza

A Basílica menor de Nossa Senhora das Dores, é o templo que mais recebe fieis em Juazeiro, por ser o local das principais celebrações religiosas durante as romarias. Para o romeiro é um: “se o romeiro chegar na matriz pra rezar aos pés da imagem de

Nossa Senhora e o Papa estiver no meio do caminho, ele vai dizer: dá licença seu papa, que eu vou rezar pra minha Mãe das Dores”. Alegoria que serve para ilustrar que o solo sagrado de Juazeiro é mais valioso que o do Vaticano, pois foi ali que seu padrinho andou, viveu, sofreu, pregou e morreu. Este templo que recebeu Cícero quando chegou ao lugarejo tem na cal de suas paredes a memória do romeiro, que sempre esteve disposto a lutar pelo seu padrinho indo contra coronéis ou o papado. A matéria desse local pode ter sofrido alterações, mas o fervor e a devoção que são manifestadas neste espaço são as mesmas de cem anos atrás.

Socorro:

Figura 36: mancha do bairro do Socorro com destaque para a capela



Fonte: Google mapa editado

Limítrofe ao bairro Centro, o Socorro tem sua origem junto à formação inicial da cidade, sendo o cemitério o equipamento mais antigo que o diferencia.

dos locais mais sagrados do mundo, é palco de suas manifestações de devoção, no espaço de tempo entre as missas que ocorrem às seis da manhã e às sete da noite (PAZ, 2014, p.140).

Possui valor de rememoração significativo por ser o local que resguarda os últimos momentos de vida do “padrinho”; o memorial Pe. Cícero foi o local onde viveu os dias finais de sua vida, já cego e surdo, até que em 20 de julho de 1934 vem a óbito, sendo sepultado na capela do Socorro dentro do cemitério.

O túmulo do padre está localizado de frente para o altar, feito em mármore e contornado por uma grade de proteção. A devoção e crença na santidade do padrinho é tamanha que os romeiros ao visitarem a capela depositam sobre o túmulo os mais variados objetos; garrafas d’água, imagens de santos, terços para que sejam bentos pelo contato com o túmulo, dentre outros. Esse fenômeno se repete em outros pontos de devoção pela cidade.

No adro da igreja foi erguida uma estátua em homenagem ao padre Cícero no ano do seu óbito, tornando-se um local de veneração, onde podem ocorrer práticas que normalmente não são feitas no interior da igreja, como a reza feita por rezadeiras. A Igreja condenou as práticas de devoção nesse trecho em 1935, quando foi redigido um ofício, por Dom Francisco, segundo Bispo do Crato, mas que não surtiu efeito algum aos fiéis, que continuaram a prática de veneração à imagem de cor alva e olhos azuis (PAZ, 2014, p.144).

Cerca de quinze por cento da área do bairro é ocupada pelo conjunto do memorial Pe. Cícero e do cemitério, tornando-se um ponto de confluência. Por possuir intenso fluxo de romeiros o uso comercial passou a ser predominante nas imediações iniciais; na periferia do bairro onde a circulação de turistas é menor, temos maior número de residências, predominantemente térreas, de implantação colonial que remetem ao período de formação inicial do bairro. Tais características levaram o Socorro a ser o bairro menos populoso dos que compõem o centro tradicional, com cerca de 2400 habitantes.

Nas imediações do conjunto sagrado, temos a concentração de atividades ligadas ao comércio religioso. As residências deste trecho converteram-se em restaurantes e lojas de artigos ligados ao padre e tal efervescência de atividades é devida ao grande fluxo de romeiros que frequentam essa área. Com a morte de Cícero as peregrinações ao seu túmulo tornaram-se uma obrigação no roteiro de fé seguido pelos fiéis.

O bairro do Socorro possui um traçado regular, resguarda em sua grande maioria o lote do período de formação, com características de implantação colonial. As residências em quase sua totalidade foram renovadas, mas com baixo padrão de construção, temos basicamente a mudança do material

construtivo, substituição da taipa de mão e do bloco maciço, pela alvenaria convencional.

Sem acesso ao profissional de arquitetura e fruto da autoconstrução, as casas mais simples dos bairros remetem à meia morada, gerando espaços com pouca qualidade de uso; fato que leva os moradores a passarem parte do seu tempo do lado de fora das casas, nas calçadas, dando vivacidade ao espaço urbano.

Por não possuírem em sua maioria recuo frontal, tendo o primeiro cômodo da residência no limite do lote, é corriqueiro deparar-se com as janelas abertas, possibilitando ao passante vislumbrar o interior dessas casas. Como via de regra, a primeira sala, que devido a sua localização recebe sol e ventilação diretamente, é o espaço mais arejado e confortável da casa, este espaço é destinado ao oratório, elemento pragmático nas residências de famílias católicas de baixa renda.

Comumente vêem-se outros usos nas residências, o complemento da renda destas famílias ocorre das mais variadas formas, da comercialização de “dindim”, espécie de picolé artesanal preparado dentro de pequenos sacos plásticos; ofícios como manicure, sapateiro e as tradicionais oficinas de fundo de quintal, que remontam da formação da cidade, hoje em menor

número devido à industrialização de alguns produtos ou obsolescência para a sociedade contemporânea.

As oficinas que restam no bairro em sua maioria são de pequenas atividades manuais, como a confecção de terços, malas de papelão e pequenas imagens religiosas. Atividades que se mantêm devido à presença dos romeiros que veem nestes produtos um souvenir da terra do *padim Ciço*.

Apesar disso, alguns ofícios estão desaparecendo, como o caso da fabricação de malas de papel; (figura 37) o artesão mais conhecido do bairro, senhor Francisco Silveiro de Souza, faleceu em 2018, e consigo o ofício e a tradição de celebrar a renovação do sagrado coração de Jesus, um saber e tradição que foi passado de geração em geração por sua família, perdurando quase um século. Mesmo tendo sido ensinada aos filhos não foi dada continuidade à tradição.

Figura 37: Malas de papel



Fonte 1: Acervo Igor Santos

Horto

Distando cerca de 5km da basílica menor de Nossa Senhora das Dores, ponto inicial da cidade, sua ocupação principia no segundo decênio do século XX, quando Padre Cícero lançou a pedra fundamental da capela do Horto, dedicada ao Sagrado Coração de Jesus, que teve sua construção embargada pelo vigário do Crato devido as divergências religiosas. Porém, a demonstração do desejo do padre de fazer algo no local foi suficiente para instigar o juazeirense a iniciar a ocupação da área. (PAZ, 2014, p.148)

Posteriormente Cícero adquiriu uma propriedade no alto da Serra do Catolé, sendo este o ponto mais alto da cidade. Desde o período colonial este local é envolto em histórias míticas, a mais conhecida é a dos índios Kariris que acreditavam que debaixo da pedra da batateira, principal fonte de água da Chapada do Araripe existia um lago místico guardado por uma serpente mágica, que um dia iria derrubar a pedra da batateira inundando toda a região, matando assim o colonizador tirano e devolvendo a terra para quem tinha o direito de origem. Estas lendas podem ter impregnado o imaginário do padre, que profetizava que o fim do mundo aconteceria por meio de um dilúvio, e o horto seria um local seguro para os bons de coração. (PAZ, 2014, p. 147)

Os romeiros veem no horto um local de salvação, ali seria o calvário de Cícero tal qual o vivido por Cristo, as ladeiras para chegarem ao topo da serra servem como local de purificação, as penitencias infligidas pelos próprios devotos variam de subir todo o percurso andando, de joelhos ou até carregando blocos de pedra na cabeça.

Durante o trajeto da subida do horto, existem algumas paradas, duas em particular chamam mais atenção. A pedra do Joelho é um local onde acreditam que a sagrada família passou quando fugia do Egito, na pedra existem orifícios rasos que teriam sido deixados pelo joelho da Virgem Maria ou pelo pé do menino Jesus, e é comum que os romeiros coloquem a perna nesses espaços como uma forma de benção. (PAZ, 2014, p.149)

Outro local de grande importância no trajeto é a casa de Mãe Dodô, uma guia espiritual, conhecida pelos sertanejos como rezadeira, devotada à caridade, e que acolhe em sua casa os romeiros onde faz atendimento espiritual. A sala do santo ou oratório de sua casa é tido como uma igreja (figura 38), onde tradicionalmente os fiéis vindos de Alagoas se ajoelham e fazem suas preces, antes de seguirem rumo ao Horto.

Figura 38: sala do santo da casa de Mãe Dodô



Fonte: sertoesrachados.blogspot.com

Tendo sido um bairro formado por romeiros que buscavam uma vida melhor, construiu-se como um local de baixa renda, possui arruamento estreito, calçadas desniveladas (figura 39) e baixo padrão construtivo. Fruto da ocupação espontânea, resguarda as características de sua ocupação inicial de quase um século e possui lotes estreitos com pouca profundidade com casas de 3 a 6 metros de frente, fato que possibilita o adensamento populacional no bairro, tendo cerca de cinco mil habitantes

A face da edificação encostada ao limite do lote e as fachadas das residências comungam de uma mesma unidade:

uma porta e uma janela, que dão acesso ao principal cômodo da casa, a sala do santo, como comumente é falado pelos locais, mais especificamente sendo o local da residência destinado ao oratório.

Figura 39: Calçadas desniveladas na subida do horto



Fonte: Acervo Igor Santos

Como de praxe nas residências das famílias católicas, que são maioria no bairro, é comum vislumbrar ao passar pela rua o tradicional altar dedicado ao Sagrado Coração de Jesus e Maria, adornado com flores e outras imagens sacras, a qual a família tenha devoção, junto a uma imagem do Pe. Cícero.

A construção da estátua de Padre Cícero, em 1969, intensificou o fluxo de turistas, tornando caótica a mobilidade no bairro, pois as ruas estreitas não comportam adequadamente o

intenso fluxo de veículos. Porém esta grande movimentação tem seu lado positivo para os moradores da subida do horto, pelo capital deixado por esses turistas que buscam o artesanato produzido nestas casas.

No alto do horto temos o complexo formado pela casa de padre Cícero, que hoje abriga o museu vivo, sendo esta a edificação mais antiga do local remetendo ao segundo decênio do século XX; a estátua do Padre Cícero construída em 1969 e a mais nova edificação que ainda está em obra, a igreja em devoção ao Sagrado Coração de Jesus, que vem sendo viabilizada por doação dos devotos, a fim de concretizar o desejo de Padre Cícero e por fim cumprir sua promessa feita na grande seca de 1877.

Figura 40: Complexo do Horto em 2018



Fonte: PMJN

Salesianos

O bairro é delimitado por duas principais vias, Av. Pe. Cícero, primeiro arruamento de Juazeiro, onde estão inseridos os principais equipamentos do bairro; e a Av. Carlos Cruz, rua que acompanha a linha férrea fundada em 1920. Estes são os dois principais eixos de expansão do centro tradicional.

O bairro recebeu o nome devido à presença da ordem dos padres Salesianos, muito admirados por Pe. Cícero, que deixou em seu testamento grande parte de sua herança para tal ordem, onde expressou o seguinte desejo:

... E rogo a esses bons e verdadeiros servos de Deus, os Padres Salesianos, que me façam esta grande caridade, instituindo nesta terra uma obra completa... a fim de que Ella funde aqui, no Joaseiro, os seus Collegios de educação para crianças de ambos os sexos. (SOARES, 2015 p. 49)

Os salesianos foram incumbidos de darem continuidade aos trabalhos de caridade de Cícero, e seguindo o pedido expresso em testamento ergueram um colégio que atendesse jovens de ambos os sexos em 1939. Uma década depois foi lançada a pedra fundamental do Santuário do Sagrado Coração de Jesus, em linguagem neorromânica, baseado em uma maquete trazida por

Cícero quando visitou Roma. Além das imagens do Sagrado Coração que foram esculpidas por alunos salesianos em Gênova (PMJN 2019).

Tanto a igreja quanto o colégio erguidos segundo a vontade de Cícero, localizados no centro do bairro estão à margem da Avenida Padre Cícero. A igreja tornou-se um dos cartões postais da cidade, sendo frequentada anualmente pelas caravanas de romeiros que vêm a Juazeiro, fazendo parte do roteiro de fé destes devotos.

Atualmente o Bairro dos Salesianos é o quarto mais populoso da cidade, com cerca de 14 mil habitantes (IBGE), e o maior dentre os bairros que compõe o centro tradicional. Com uma formação mais tardia que os demais supracitados seus quarteirões são formados por lotes maiores, porém a autoconstrução sem presença do profissional de arquitetura persiste, excetuando-se as residências feitas dentro de programas de habitação financiados pela Caixa Econômica Federal.

Sua ocupação ocorreu em duas etapas, a primeira junto à construção do colégio na década de 1930 e a segunda depois da construção do santuário em meados da década de 1950. Na figura 41 temos uma foto aérea onde temos a da Matriz em primeiro plano, onde ao fundo vemos sinalizado com o *pin* o santuário em

construção, e a cidade ainda em expansão no sentido sul, com grandes bolsões verdes sem ocupação urbana, que veio a consolidar-se no fim da década de 1970 com a conclusão das obras do santuário.

Figura 41: Vista aérea Juazeiro década de 50



Fonte: Acervo Renato Dantas editado

Diferente dos bairros anteriores o Salesianos apresenta uma melhor qualidade espacial das edificações, terrenos mais largos com lotes padrões de 8x25, algumas casas apresentam recuos lateral e frontal, onde percebemos a diminuição da relação da casa com a rua. Esse tipo de implantação é encontrado com mais facilidade nas partes que foram adensadas posteriormente, no entorno imediato da igreja e do colégio temos a manutenção da implantação de padrão colonial.

A dinâmica urbana também difere dos demais expostos, uma vez que os edifícios referenciais que compõem o bairro estão localizados em uma avenida arterial da cidade, onde concentra basicamente todo o fluxo, não havendo a necessidade doromeiro transitar ou peregrinar nas demais partes. Chegam em caravanas e encaminham-se direto para o espaço do santuário, onde fazem suas preces e seus ritos, quando ocorrem manifestações em espaço aberto são realizadas no adro da igreja onde foi erigida uma praça.

Um bairro consolidado, predominantemente residencial, que concentra as atividades turísticas, religiosas, comerciais e de serviços em uma mesma via, a Avenida Pe. Cícero. Serve como uma fronteira ou uma transição entre a parte antiga e a parte nova da cidade, que se desenvolveu após os anos 1990, do outro lado da linha férrea. Vemos na figura 42 uma vista aérea da área marcada na figura 41, onde percebemos a ocupação do território consolidado após a década de 1960.

Figura 42: Vista aérea bairro dos Salesianos



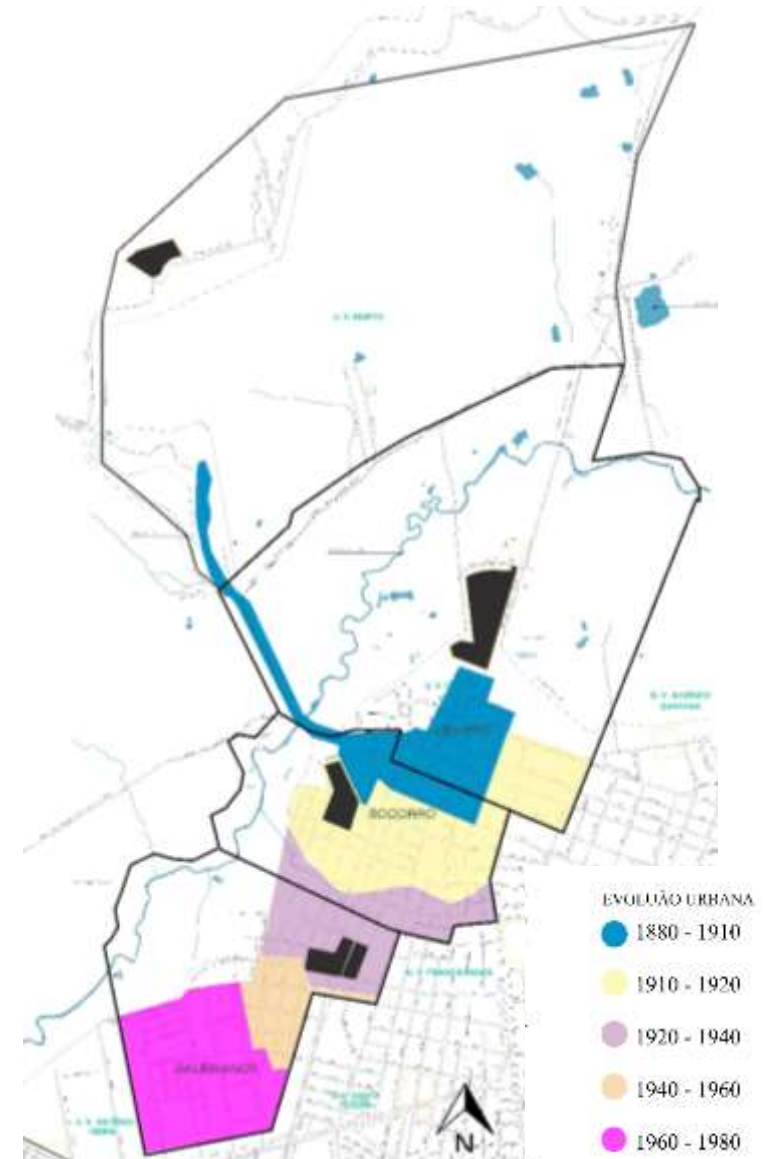
Fonte: Acervo Guilherme Couto

Analisando o mapa de evolução urbana, elaborado pelo plano diretor de Juazeiro do Norte de 2000, Anexo 1, confrontando com as informações expostas anteriormente, podemos confirmar que a cidade cresceu no ritmo em que os edifícios referenciais foram sendo inseridos na malha urbana.

No mapa ao lado, (Figura 43), temos a evolução urbana da cidade de Juazeiro, de 1880 a 1980, um intervalo de cem anos, onde é possível perceber a correlação entre a data de construção do edifício referencial e a consolidação do bairro.

A ocupação do bairro Centro remonta ao primeiro decênio do século XX, período em que a matriz havia sido ampliada em 1884 e estabelecida como centro político com a emancipação da cidade; O Socorro consolida-se na década de 20, apesar da capela de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro ter sido erigida em 1908; O Salesianos possui três marcas de tempo, a primeira até a década de 40, período em que o colégio foi construído e o outro dos anos 1940 à 1980, lembrando que o santuário foi erigido de 1949 a meados de 1970. O horto não foi levado em consideração pela prefeitura, por esse motivo não entrou nesse tópico; porém, a literatura e a iconografia nos configura sua ocupação inicial na década de 20.

Figura 43: Evolução Urbana centro tradicional:



Fonte: PMJN modificado

3.0 Em cada sala um oratório em cada quintal uma oficina: especificidades das casas de Juazeiro

““A casa é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos”

(BACHELARD,1989 p.198)

É no centro tradicional que ocorrem as romarias, movimento que possibilitou o crescimento e povoamento da cidade. Foram esses agentes, os romeiros, que edificaram Juazeiro quando em nome da fé migraram para a terra que acreditam ser santa e aí desenvolvem “as práticas cotidianas, que permitem a apropriação mental e sensorial do espaço” (LEITÃO, 2014, p.24). “O caráter religioso herdado da vida do Padre Cícero na cidade mantém esse sítio como referencial histórico e afetivo para a população local e visitantes” (CEARÁ, 2001, p. 26).

A forma que usam esses locais define uma imagem própria para a cidade desde sua escala macro até a menor parcela da cidade, a casa. Neste terceiro capítulo, deixamos o espaço urbano e adentramos na intimidade das residências.

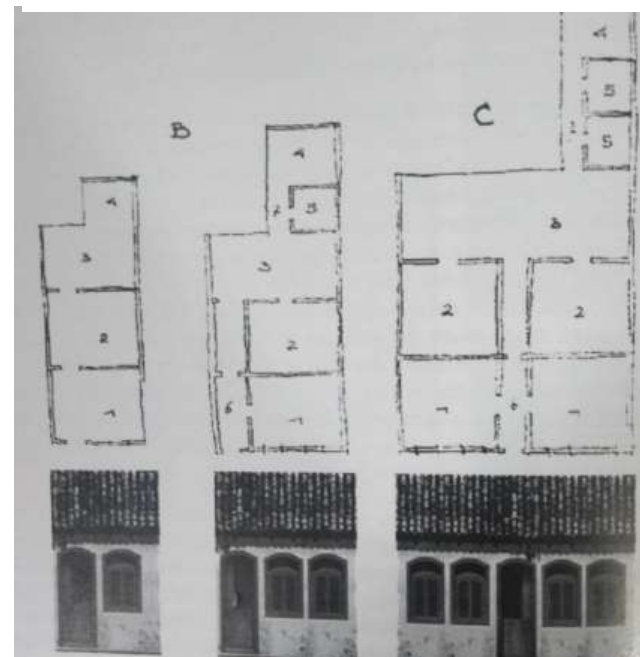
Como foi dito por Louis Vauthier sobre o modo de morar tradicional do Brasil, há uma uniformidade e padronização que o levou a afirmar: “Assim, quem viu uma casa brasileira viu quase todas”. (BITTAR, VERÍSSIMO, 1999, p.19).

Tal frase se aplica a Juazeiro do Norte, não no sentido pejorativo, mas pelas limitações construtivas e financeiras com que se constrói, além de uma forte tradição na forma da organização espacial. Segundo Nestor Goulart “as plantas, deixadas ao gosto dos proprietários, apresentavam sempre uma

surpreendente monotonia” devido às limitações tecno construtivas e dimensão do lote (REIS FILHO, 2016, p. 24).

As residências erigidas assemelham-se as produzidas no Brasil colônia, enquadrando-se nas meias moradas que segundo MOURA FILHA, 2016 p. 52 (apud CORONA e LEMOS) “Eram, portando, do tipo denominado pela historiografia como “meia morada”, na qual todos os cômodos são lateralmente ligados por um corredor central. Correspondendo à duplicação da casa de meia morada é denominada morada inteira”. Figura 44

Figura 44: Esquema de distribuição em planta baixa de casas térreas



Fonte: MOURA FILHA, 2016, p.52

Os três bairros mais antigos da cidade, que tiveram sua formação até a década de 1930, momento marcado pelo óbito do padre, resguardam em sua morfologia a marca do tempo e da ocupação inicial da cidade. Nestes o parcelamento do lote seguiu o padrão do período colonial, as limitações construtivas e costumes da época proporcionaram casas que se enquadram nas configurações citadas anteriormente. No entanto, são os aspectos simbólicos que diferenciam as casas de Juazeiro do padrão tradicional.

Para compreender as relações dos moradores com a casa será necessário nos apropriar de alguns conceitos que nortearam a continuidade deste trabalho: símbolo, cultura, devoção.

A palavra “símbolo”, no sentido mais restrito, pode ser entendida como uma alegoria, uma metáfora ou a representação de algo. Por exemplo, a pomba branca representa a paz. O conceito aqui adotado tem como base tais compreensões.

Ribeiro (2003) baseia-se em Geertz e Durand (ano) para propor que o símbolo estabelece um vínculo com um ato, objeto ou acontecimento. São as abstrações da matéria tangível, absorve crenças, ideias, credos, condições sociais e tradições, evocando através da matéria significados ou formas de compreender rapidamente a carga de informações que existe naquele ato, objeto ou acontecimento. O símbolo é produto da construção de

uma cultura, de um povo ou de um indivíduo, podendo ter seu sentido modificado ou mantido dependendo do contexto e do ambiente geográfico (RIBEIRO, 2003, p.41).

Adotaremos o conceito de cultura trazido por Mariely Santana (2002).

Um outro conceito de cultura diz respeito a um movimento de criação, transmissão e reformulação do ambiente artificial criado pelo homem através de sistemas simbólicos. Neste sentido, cultura é um “produto da atividade humana”, que se refere à produção material, pintura, monumentos, objetos, mas também à produção simbólica que resulta de diferentes manifestações, como os usos, costumes, tradições, crenças populares, sistemas religiosos, códigos jurídicos, ou seja, as diferentes maneiras de atender às necessidades básicas, biológicas, comuns a toda a humanidade, mas que mudam em cada sociedade. (SANTANAM, 2002)

Como parte dessa cultura, as crenças, os ritos, a religião tem força no caso do Juazeiro, a tradição católica impera nas famílias mais tradicionais, principalmente as que residem na parte mais antiga da cidade.

As manifestações religiosas, que nas romarias a Padre Cícero tomam as ruas e os templos, envoltos em grande fervor religioso, criam símbolos que são a marca de um povo; símbolos estes dos mais diversos e em escalas diferentes.

Os romeiros, devotos do *padim Cico*, mantêm ritos em suas romarias ao Juazeiro que adaptam-se ao tempo, mas carregam na sua forma a essência da fé. A exemplo temos os ônibus que os fiéis chegam à cidade (Figura 45), substituindo os antigos paus-de-arara, mas mantendo os adornos, configurando o transporte daquele que vem em caravana mostrar sua devoção.

Tais símbolos também estão presentes nas celebrações religiosas, nas suas mais diversas escalas. É relevante, a missa do chapéu (Figura 46), que acontece na data de finados, marcando a despedida dos romeiros na maior romaria do Juazeiro. O chapéu tornou-se o símbolo desta celebração devido a uma tradição, criando um cenário belo e único, que enaltece a fé e valoriza o artesanato local, tendo em vista que os chapéus são produzidos, em sua maioria, em oficinas existentes nas casas da cidade.

Partindo para a escala do núcleo familiar, os ritos, símbolos e tradições diretamente relacionados a Padre Cícero estão presentes nas casas das famílias juazeirenses. Um destes é a renovação do Sagrado Coração de Jesus, e o outro, a necessidade de se ter em casa um espaço voltado para o orar e, em diversos

Figura 45: Ônibus dos romeiros decorado



Foto: Jacivânia Rocha
Texto: Adama Bazani

Fonte: Acervo Jacivânia Rocha

casos, outro para o trabalhar, materializando a frase dita por ele: “em cada sala um oratório e em cada quintal uma oficina.”.

A relação da Igreja com o trabalho está na base desta instituição, sendo no caso do Padre Cícero uma possível herança do pensamento da ordem beneditina, que traz a regra de São Bento *ora et labora*, em tradução livre, reza e trabalha. Padre Cícero era, segundo Paz (2014, p.138) “um clérigo conhecido e admirado nas redondezas, que pautava sua atuação no lema beneditino *ora et labora*.”

Figura 46: Missa do Chapéu



Fonte: Veja

Os monges beneditinos, em atenção à regra de São Bento, têm seu tempo completo entregue a Deus. O *ora*, ligado a oração da liturgia, está como função primária; o monge torna-se um áulico, o trabalho da sua vida consagrada ao senhor é como cantor das maravilhas de Deus. (DIAS, 1998, p. 293)

Para os beneditinos o *labora* segundo (DIAS 1998 p.295) “S. Bento entende por ele o “trabalho das mãos”, ou seja, o trabalho físico, corporal, duro nos campos ou nas oficinas e não propriamente o trabalho do estudo intelectual”. Assim, vemos certa correlação entre tal regra e os ensinamentos de Padre Cícero.

A oração neste caso, tem forte ligação com a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, costume que foi introduzido no sertão nordestino por Pe. Ibiapina, que foi uma das figuras de referência para Padre Cícero. Para ter uma compreensão da importância de Ibiapina Freyre (1980 p.20) diz que:

Ibiapina foi realmente uma enorme força moral a serviço da Igreja e do Brasil. [...]exemplos como o do padre Ibiapina – que sozinho, fundou e organizou vinte casas de caridade nos sertões do nordeste –se impõem aos brasileiros como grandes valores morais.

Quanto ao *labore*, que foi pregado por Padre Cícero, tem sua permanência através das oficinas existentes em diversas casas, sendo um local de trabalho manual, onde a família pode ter uma fonte de renda. Nas residências mais humildes, tendo em vista que a população sertaneja do início do século XIX, não tinha

acesso a uma educação formal, seria no trabalho braçal que proveriam o sustento da família.

Pregando o *labore*, Padre Cícero norteou a população para o trabalho em oficinas, com ofícios manuais realizados por um mestre artesão, que resguarda um saber específico e transmite de forma oral e prática para as próximas gerações. Atualmente, os bens produzidos por estes artesãos, em geral, estão ligados a atividades religiosas, com foco nos romeiros que visitam Juazeiro.

Visando analisar como a frase “em cada sala um oratório e em cada quintal uma oficina”, proferida pelo Padre Cícero dá até hoje uma especificidade às casas do Juazeiro, foi definido um recorte espacial para estudo. Para facilitar a identificação e entendimento dos hábitos de orar e trabalhar nas casas da cidade, foi selecionado um trecho da Rua Juazeiro do Norte , principal acesso para o complexo do Horto, local onde se observou a manutenção mais fidedigna dos costumes, com pequenas variáveis na oferta do produto.

Oratórios: “em cada sala um oratório...”

Observando as casas situadas em nosso recorte espacial, identifica-se como materialização do “orar” a presença dos oratórios. A primeira questão é saber de onde vem este hábito, tradicional no Brasil desde o seu descobrimento, considerando que as naus que atracaram no Brasil, em 1500, transportavam um oratório com a imagem de Nossa Senhora da Esperança.

De origem medieval, esses objetos de fé ganham formas amoldadas às necessidades dos fiéis. Muitas vezes produzidos pelas mãos incultas dos nativos ganham formas e tipos inusitados, movimentando as forças da vida nova numa sociedade em formação. Ora utilizados na sua dimensão de pequenos armários de guarda dos santos patronos de cada fiel, portanto individualizados, ora instalados em locais apropriados ao fluxo de um número maior de pessoas – as ermidas – ou ocupando o espaço essencialmente privado e doméstico, o oratório se torna

parceiro e cúmplice dessa ciranda encantada do passado brasileiro. (GUTIERREZ, 2018, s/p)

Comum no tempo do Brasil colonial, o oratório assumiu as mais diversas formas, dependendo da região em que era produzido, adequando-se ao regionalismo local, sendo incorporado às religiões de matriz africana, onde segundo Louis Marcelin (1999, p. 3):

A imagem do santo protetor (ou orixá) é afixada na parede. A princípio, toda casa tem seu oratório, localizado no quarto principal, consagrado às divindades de crença da família. Ainda que a cama seja precária, o essencial nesse cômodo é o espaço deixado para as divindades

Tratando-se dos oratórios ligados à igreja católica, existem basicamente três tipos: os públicos, semipúblico e os privados. Os primeiros são os oficiais, encontrados nas igrejas e capelas onde o público em geral tem acesso livre onde podem ter contato com os ofícios divinos; o segundo está vinculado a uma comunidade ou congregação em particular, tendo seu acesso restrito a membros ou convidados, e os particulares ou domésticos são encontrados em casa de particulares atendendo a um indivíduo ou a seu núcleo familiar (LÓPEZ, 2003, p.15).

Neste trabalho nos deteremos ao terceiro tipo, os domésticos. A tradição do oratório em Juazeiro está atrelada à devoção ao Sagrado Coração de Jesus que segundo Figueiredo (2004, p. 24) “foi disseminada pelas mãos de Padre Cícero Romão; tradição que foi acatada prontamente pelo povo do Juazeiro e acontece em torno do oratório da casa.”

O oratório está presente em basicamente todas as residências de famílias católicas e, no trecho específico da Rua Juazeiro do Norte, selecionado para estudo, (figura 47), contabilizamos 107 casas, das quais em 90 se identificou a presença do oratório. Possivelmente, este número pode ser maior, já que não foi possível adentrar em algumas casas. A maior parte do levantamento foi feito durante o passeio pela rua, devido à facilidade de se visualizar o interior das residências pelas janelas que se abrem para a calçada.

Verifica-se que os oratórios das casas de Juazeiro possuem uma maior simplicidade formal se comparados a oratórios de madeira tradicionais. Estão situados na primeira sala da casa, em frente à porta de entrada, onde tem-se um aparador ou uma mesa forrada e encostada na parede, e que em datas especiais recebe uma toalha de crochê. Composto a mesa temos uma bíblia como peça central, velas, uma estátua do Padre Cícero e do santo de devoção. Além da mesa o maior destaque se dá à parede que fica

Figura 47: mapa com edificações da rua Juazeiro do Norte



Fonte: Cedido por RIBEIRO e BRITO modificado

por trás da mesa, local destinado aos quadros. Em geral, no centro está a imagem do Sagrado Coração de Jesus e Maria adornados com flores artificiais de plástico ou de papel, e quadros dos demais santos de devoção dos donos da casa. Temos um exemplo de oratório na figura 48.

Inerente às casas do Juazeiro, o oratório apresenta dentro de sua simplicidade um certo rigor formal e repetição de alguns elementos; como a bíblia, as velas e imagens de santos de devoção, os mais comuns são: as de Pe. Cícero, Frei Damião, Santo Antônio e São Jorge; vemos a disposição de uma casa tradicional do juazeiro na Figura 49. Outros elementos podem compor o

oratório com objetivo de torna-lo mais belo, como o uso de cortinas como vemos na imagem 50.

Figura 48: Oratório de uma casa na subida do Horto no Juazeiro do Norte



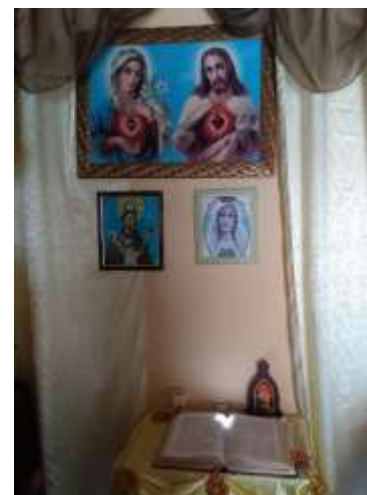
Fonte: Igor Santos

Figura 49: Modelo casa tradicional do Juazeiro do Norte



Fonte: Modelagem Igor Santos

Figura 50: altar com cortinas ao fundo.



Fonte: Acervo Igor Santos

O importante é conseguir valorizar esse espaço, o diferenciando do restante da casa, o que se alcança com a reunião de todos estes símbolos da devoção católica. O quadro do Sagrado Coração de Jesus e Maria é elemento indissociável do oratório, os demais quadros podem variar de acordo com a devoção de cada família, mas os que possuem maior frequência são: Santa Luzia, Nossa Senhora das Dores (padroeira da cidade), São Cosme e Damião, Frei Damião, Santo Antônio e Padre Cícero.

Apesar da sua grande simplicidade, o oratório das casas dos devotos do padre Cícero é singular e carrega no seu significado o costume de um povo. É perante ele que acontece a maior celebração do sertanejo, a renovação do Sagrado Coração.

Essa celebração está ligada à devoção ao Sagrado Coração de Jesus (SCJ), que foi fomentada inicialmente no interior do Nordeste pelo Padre Ibiapina, mas foi com Padre Cícero que se consolidou. Com sua chegada em Juazeiro, em 1872, um dos pedidos foi que a população introduzisse em suas casas a imagem do SCJ. Segundo Santos (2015, p. 1)

O ritual de renovação do Sagrado Coração de Jesus tem sua manifestação pública desde o período de romanização do catolicismo popular. Após esse período, a devoção do

Sagrado Coração dissipa-se rapidamente não só na região do Cariri, mas em todo o Nordeste em torno da figura do Padre Cícero em Juazeiro do Norte. Com um alcance maior, para além da igreja, o rito estende-se até às casas dos fiéis em forma de Renovação das Famílias ao Sagrado Coração.

Uma prática que foi bem recebida pelos fiéis e perdura há mais de um século, uma celebração que possui seus ritos e práticas definidos, que vem sofrendo algumas modificações ao longo dos anos, devido às transformações sociais e hábitos das famílias da contemporaneidade; o cenário onde ocorre a entronização e nos anos seguintes a renovação do SCJ é na sala reservada ao oratório, que foi vista no tópico anterior.

A presença de um sacerdote na celebração é extremamente rara, é costume levar a imagem para ser benta, mas a entronização e a renovação são ambas conduzidas por leigos, conhecidos como “rezadeiras” ou “tirador de renovação”, no geral são personalidades conhecidas na comunidade pelo trabalho junto à igreja.

O anteparo montado para a celebração, passa a ser parte indissociável da sala gerando assim o oratório da residência. A

data que ocorre a comemoração vai de acordo com o desejo de cada família; é elencado um dia no ano que pode ser o aniversário de casamento, o dia que mudaram para a casa ou o dia de um santo de devoção. Em Juazeiro, particularmente, muitas famílias preferem comemorar no dia 20 de novembro, o dia de padre Cícero, que por ventura vem ser seu aniversário de morte. Temos a ilustração dessa comemoração na figura 51.

Não se limita apenas a uma celebração com foco no SCJ, esta é a maior celebração que existe para a família juazeirense, é para esse festejo que a casa é pintada, moveis novos são comprados, todo o recinto é preparado para receber as visitas para orar. Além de todo esse zelo que a família nutre nesse dia, a festa em si possui seus próprios ritos e costumes, tanto na parte da oração, quanto na comemoração posterior onde é servido um banquete aos convidados.

Nos costumes mais tradicionais, nas casas de sítio, os preparativos começam uma semana antes, trago as lembranças da minha avó, Rosa Rodrigues, que relembra com muita alegria as renovações da casa dos seus pais, renovação que não é feita a quase cinquenta anos, mas que se mantém intacta na memória e na sua alma. Ela relata que a primeira coisa feita era esvaziar completamente a casa, retirar todos os móveis e levá-los para o terreiro, onde seriam limpos; enquanto isso os homens ficavam

Figura 51: Momento da renovação em torno do oratório.



Fonte: Acervo Igor Santos

responsáveis por pintar a casa, paredes e portas; depois uma faxina era feita para que os móveis pudessem retornar para dentro da casa.

Com dois dias de antecedência começavam a matar os bichos que seriam consumidos na festa, muitas galinhas, eventualmente um porco ou um bode em anos de fartura. O dia que precedia a renovação era dedicado à produção de bolos, em geral de milho, batata, puba e pé de moleque, além dos tradicionais sequilhos que eram feitos no forno a lenha. O dia da renovação, neste caso dia 1º de janeiro, data de aniversário de casamento do casal, Maria Francisca e João Rodrigues, já

começava animado, fogos de artifício iam sendo soltos durante o dia para lembrar a comunidade que teria renovação na casa de João Rodrigues, os últimos preparativos eram feitos, a limpeza do terreiro e as tochas com óleo de mamona que eram espalhadas para iluminar a festa durante a noite.

Os convidados chegavam já no entardecer, as crianças ficavam soltas brincando das tradicionais brincadeiras de roda, como passa o anel e “três, três derradeiro ficará”; o jantar então era servido, os pratos tradicionais eram macarrão, arroz, bolinha de renovação, galinha de capoeira e molho pardo. Depois do jantar organizavam-se para a reza; Tida, uma amiga da família que hoje com seus noventa anos, ainda é tiradora de renovação, iniciava os ritos com as cantorias e as rezas e nos momentos mais importantes da renovação os fogos de artifício novamente eram soltos.

Dado o encerramento da reza da renovação eram servidos os bolos, sequilho, bolinho de ovo (similar a um pão de ló), e o aluá (bebida feita a partir da fermentação da casca do abacaxi), quase como um código social, ao fim da festa era servido o tradicional cafezinho, como um sinal que as festividades do dia estavam chegando ao fim; era tradicional também cada um levar para casa um embrulho com as comidas da renovação.

Com os anos algumas tradições foram sendo readequadas à nova dinâmica da vida das famílias; o costume que preparar a casa para a renovação com pintura e limpeza persiste; o trabalho dedicado às comidas foram reduzidos, é comum que os bolos e sequilhos sejam comprados prontos e organizados em uma embalagem plástica para serem dados aos convidados; atualmente algumas famílias incrementam com salgadinhos como coxinha e pastel; o alua basicamente desapareceu das celebrações sendo substituído por refrigerante, e o café ainda é servido ao fim da celebração.

Tratando-se do rito em si, a renovação ainda é conduzida por uma rezadeira leiga, mas alguns cânticos foram sendo acrescentados, contando com auxílio de um som eletrônico onde costumam colocar algumas músicas mais populares da igreja. As modificações que o rito da renovação vem sofrendo são resultado de uma mudança de costumes de uma sociedade, onde não é preciso produzir tudo o que se precisa comer, o mercado oferece o produto já pronto, além de novos alimentos e tecnologias que não existiam em outrora e hoje são partes essenciais da vida cotidiana.

Apesar das adaptações e modificações que esta tradição vem passando nesse último século e meio no cariri cearense, sua essência continua preservada, a devoção ao sagrado coração de

Jesus e Maria é recorrente em toda a cidade de Juazeiro; ao passar pelas ruas da cidade e ao ver uma porta ou janela aberta é quase certo deparar-se com um altar, e o costume de arrumar a casa, chamar parentes e amigos, para rezar e serem testemunhas da sua renovação com o divino, com Cristo, e depois lhes proporcionar um lanche, um banquete como sinal de agradecimento pela presença mantém-se intacto; o sentimento de comunidade, de devoção e zelo continua o mesmo, o significado é o mesmo, seus símbolos é que podem modificar-se para que ainda sejam compreendidos pelas novas gerações.

2.2 - Oficinas – “em cada quintal uma oficina”.

Neste tópico será explanado um pouco sobre as oficinas no bairro Horto, foi considerado o mesmo trecho usado anteriormente, a parte final da rua Juazeiro do Norte, verificando casas que possuem tanto o oratório quanto a oficina.

Neste recorte temos 11 residências com a presença de oficinas, é possível identificá-las na figura 52, onde estão hachuradas em vermelho; dentre essas, 4 são voltadas ao ofício da palha. Atividade que se repete em outros pontos do bairro

Figura 52: Residências com ofícios da rua Juazeiro do Norte



Fonte: cedido por RIBEIRO modificado

Essas oficinas são remanescentes das orientações dadas à população pelo Padre Cícero, adequadas à realidade atual do Juazeiro.

Buscando a origem dessas oficinas, o Padre Cícero e seu desejo de empreender estão no centro da história. Pregar o trabalho, por um lado, estava muito ligado ao pensamento do padre sobre orar e trabalhar, mas também foi a forma que encontrou para dar ordem ao vilarejo que viria a ser Juazeiro do Norte, o qual vivia envolto em vadiagens, bebedeiras e jogatinas. Impor a moral através da religião e ocupar o povo com o trabalho foi sua estratégia.

As secas dos anos de 1888, 1889, 1900 e 1901, que assolaram o nordeste brasileiro, em especial o sertão, trouxe consigo grande miséria e problemas sociais. No intento de trazer progresso para o cariri, Cícero estimulou que os sertanejos trabalhassem por um valor menor que o habitual, para que os coronéis contratassem o maior número de pessoas para a construção de barragens, ruas, plantios e criação de gado, visando assim que o mínimo de pessoas ficasse sem ocupação e renda. Em paralelo aconselhava que sempre que possível tivessem uma atividade em casa, um ofício para assim complementar a renda. (GUERRA, 2015, p. 37)

A tradição do trabalho acompanhou a formação de Juazeiro desde a chegada do Padre. Sem discriminação de raça ou gênero, todos deveriam trabalhar no ofício que mais lhe cabia e que era possível, como vemos no trecho a seguir:

Juazeiro era ainda um pequeno povoado, quando os trabalhos manuais já ocupavam lugar de destaque, começando pelos mais rudes – fiar e tecer. As mulheres fiavam para costurar, um fio bem fino a que chamavam de linha; e fiavam, para o tear o fio comum. Teciam – redes e panos para confeccionar lençol, toalha e mesmo roupa – para os homens usarem nos trabalhos de roçado. Eram confeccionadas pelas senhoras da terra que foram pouco a pouco ensinando os mesmos trabalhos às jovens, constituindo, juntamente com a renda de almofada o principal gênero de trabalho feminino a que se dedicavam as famílias do povoado. (OLIVEIRA apud GUERRA, 2015, p. 39)

Desde o suposto milagre de 1889, com a beata Maria de Araújo, e as crescentes romarias, surge um novo nicho de mercado, o qual Cícero prontamente assimilou e induziu o povo de Juazeiro a ir em busca desse novo público, um retrato do quão engenhoso era o padre.

Temos na seguinte história, relatada por Máximo (2016, s/p): onde um fradeiro mudou-se para Juazeiro, e como de costume foi pedir a benção e conselhos de trabalho ao padim, que por sua vez perguntou se trazia consigo algum ofício, o rapaz lhe

respondeu que fazia candeeiros, e prontamente Cícero lhe ordenou que produzisse quantos conseguisse. Alguns meses depois o jovem procura o padre novamente, dizendo que não havia vendido nada e que já não sabia como manter sua família, o padre em resposta lhe acusa de pouca fé e manda-lhe que volte a produzir, que Deus iria lhe prover.

Neste mesmo período Padre Cícero pede que todos os que fossem acompanhar a procissão de Nossa Senhora das Candeias levassem um candeeiro para iluminar os caminhos, e assim todo o estoque produzido pelo fradeiro esgotou-se rapidamente.

Esta história de conhecimento popular, carrega em suas entrelinhas a orientação do Padre Cícero quanto a ser possível se adequar um ofício às questões de mercado e tirar proveito disso, valorizando os produtos locais e seus artesanãos.

Situação semelhante ocorreu quando Monsenhor Murilo, religioso que ficou à frente da paróquia de Nossa Senhora das Dores, e que ficou conhecido como o sucessor do Padre Cícero por seu bom trato com os romeiros, instituiu nos anos de 1980 uma celebração similar à que Cícero criou.

Nesse caso foi a Benção do Chapéu ou Missa do Chapéu, que segundo Paz (2014, p.142), é uma celebração paralitúrgica, realizada sempre às dez horas da manhã do último dia das

romarias; momento de despedida dos romeiros da cidade e de benzer as mesinhas trazidas ou adquiridas pelos romeiros.

Como traje exigido para esta celebração o fiel deve ir com um chapéu de palha, que majoritariamente é vendido na cidade e produzido em oficinas domésticas, como aquelas localizadas nesta pesquisa na Rua do Horto.

As casas visitadas são extremamente simples, obedecendo a lógica da meia morada, o curioso destas casas é que a oficina divide espaço com o oratório (figura 53); tornam-se uma coisa só, aos pés do altar vemos a produção do dia, as mulheres ficam ao lado do altar ou de frente para a porta, aproveitando o vento que adentra a casa pela porta e janela, o melhor cômodo da casa agora não é mais apenas palco da oração, pois divide espaço com o ofício.

Pelo que se pode observar, o trabalho com a palha é dedicado à mulher, tendo sido tal ofício introduzido pelas matriarcas das famílias em alguns dos casos há quase cem anos, ano em que se mudaram para o bairro do Horto ainda no seu processo de formação por volta de 1940. Esta família em questão está na quinta geração do trabalho em palha feito por mulheres.

Figura 53: Oratório junto a oficina



Fonte: Acervo Igor Santos

produtos primários feitos de início pelas matriarcas, eram basicamente chapéu de palha e abano, objetos até então comuns à época para proteção do sol e como utensílio doméstico para auxiliar no fogão à lenha. O mercado exigiu que esta produção fosse adaptada, já que a comercialização destes bens se tornou extremamente sazonal; nas épocas de romaria e de festas juninas, a resposta dada foi a adaptação do produto, sendo criado o chapéu de macaco e o de dedo também chamado de chaveiro, (figura 54).

Figura 54: Chapéu de macaco e chaveiro



Fonte: Acervo Igor Santos

Essa adaptação ocorreu com outros ofícios, essa modificação é percebida quando transita no comércio local, onde vemos a produção de miniaturas de candeeiros, pilão, abanos, bules de café, produtos que até os anos 1950 eram comumente usados no dia a dia, mas com o advento da tecnologia e o acesso

aos bens de consumo tornaram-se datados e ultrapassados; a forma que encontraram de persistir no mercado foi reduzindo-os em tamanho para que fossem vendidos em miniatura.

O ofício tornou-se uma tradição familiar, onde os saberes do fazer são transmitidos de geração em geração, como uma relação de mestre e aprendiz. A globalização e a industrialização ameaçam que atividades como essas citadas sejam esquecidas e eliminadas, e que por hora encontraram uma forma de se manterem ao longo dos anos com adaptações que não ferem o saber fazer e a tradição da transmissão do conhecimento.

Foram encontradas outras vinte oficinas em diferentes bairros, dos mais tradicionais aos mais recentes, foi possível verificar que alguns ofícios estão se perdendo, como a fabricação de malas de papel e peças de frandles. Em 2018 os dois principais expoentes dessas áreas faleceram, e consigo parte dos conhecimentos. No caso do Senhor Francisco Silva, que residia no Bairro do Socorro e era o principal produtor de malas de madeira e papel do Juazeiro, o conhecimento não foi transmitido às futuras gerações.

A outra grande perda foi o mestre Mauricio, reconhecido como o maior frandeiro da região do Cariri, no seu caso a tradição do ofício foi transmitida para seu filho, e netos, porém nem todas as técnicas e saberes foram assimilados pelos seus herdeiros, o

trabalho em frandles tem cada vez menos frequência, sendo substituídos pelo zinco, material semelhante, mas que não possui a mesma carga cultural.

Considerações finais

A origem de Juazeiro do Norte remonta de 1827, quando foi erigida uma capela à Nossa Senhora das Dores na até então fazenda tabuleiro grande. Foi com a chegada do Padre Cícero que o lugarejo começou a se desenvolver. Com o milagre ocorrido em 1889 o fanatismo religioso entorno da figura de *padim Ciço*, possibilitaram o desenvolvimento do local.

O centro tradicional foi construído durante um século, onde quatro bairros se destacam, por surgirem em uma sequência cronológica e no sentido norte sul, desenvolvendo-se através do prolongamento da avenida Padre Cícero, o primeiro arruamento da cidade. Edifícios ligados à imagem do clérigo foram pontos norteadores do desenvolvimento desse território, tornaram-se polos atrativos, com maior veemência, nos Bairros do centro, Socorro e Horto, que remontam ao período que Cícero ainda governava a cidade.

Esses bairros mais antigos formados até o segundo decênio do século XX, resguardam características de implantação do período colonial brasileiro, com casas estreitas e cumpridas, sem recuos. E nestes locais verificamos a existência de casas que possuem especificidades muito próprias, a presença do oratório e da oficina, como um reflexo dos ensinamentos proferidos por

padre Cícero ainda no período de formação inicial da cidade, quando falou que todos deveriam ter um oratório na sala e uma oficina no quintal.

A fé e o trabalho são o binômio que traduzem Juazeiro, a cidade desenvolveu-se entorno de monumentos religiosos, e com o passar dos anos visando explorar o turismo feito pelos romeiros, as imediações desses edifícios foram sendo substituídos por comércio. A exemplo do bairro Centro que na década de 20 era o local onde a elite juazeirense residia, hoje é o coração do comércio da cidade, com uma dinâmica muito própria e ligada ao padre. É recorrente o uso de sua imagem na entrada ou no caixa dos estabelecimentos ou o uso do seu nome no logotipo do varejo.

O presente estudo contribui para o entendimento da formação da cidade de Juazeiro do Norte, levando em consideração os referenciais arquitetônicos como norteadores. Mostrando a influência de Padre Cícero nesse processo, verificando que a cidade foi moldada segundo sua imagem, e que esta interferência atua na escala da cidade, do bairro e da casa.

Esse processo se deu devido à relação de devoção e fanatismo religioso que os devotos tinham com o clérigo; foram os romeiros que povoaram Juazeiro. Da chegada de Cícero em

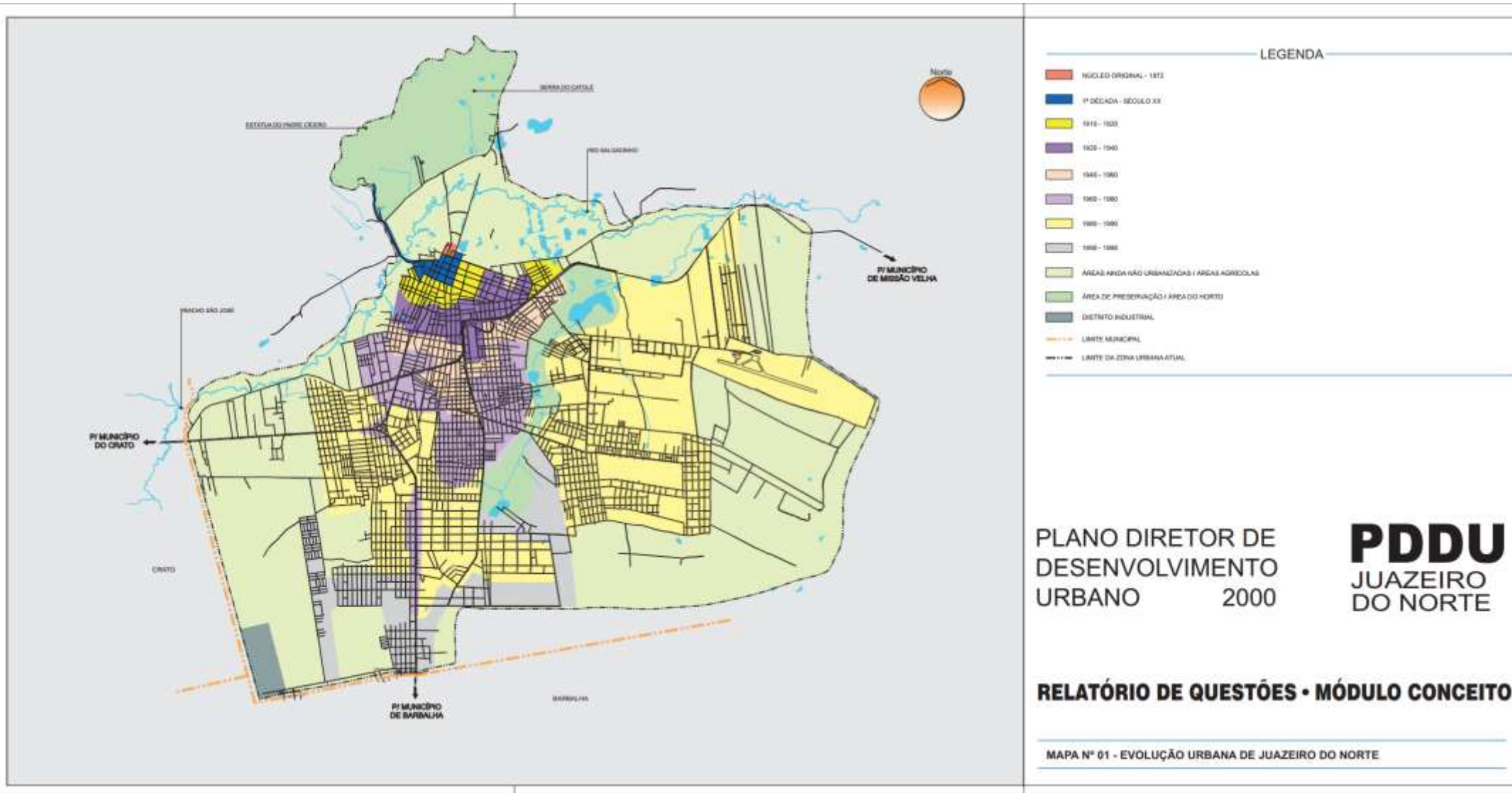
1872 até sua morte em 1934, a cidade teve um inchaço urbano, passou de uma população de dois mil habitantes para sessenta mil em seis décadas. Os moradores que passaram a residir nestes bairros possuíam um perfil muito semelhante, por serem devotos fieis do padre e assimilarem seus ensinamentos que repercutiram na forma de morar.

A incorporação e manutenção do oratório e da oficina nas casas, são uma prova de que a imagem e os ensinamentos ainda são propagados e assimilados pelos mais jovens; a forma de morar do juazeirense pode ser tomada como um patrimônio local, já que resguarda formas peculiares de usar os espaços da casa e é palco de uma das maiores manifestações religiosas do sertanejo, a renovação do Sagrado Coração de Jesus, devoção que também foi incitada pelo padre.

Não existiria Juazeiro do Norte sem o Padre Cícero, suas histórias se completam e se confundem, a cidade é produto da sua atuação, seus principais edifícios foram erigidos em seu nome e moldaram o território, as manifestações religiosas que acontecem no espaço público e privado, conferem à matéria um rico valor cultural; os costumes e a imaterialidade encontram seu aporte material na arquitetura.

Considerando que este é um assunto pouco explorado pela academia a nível regional no Cariri, a pesquisa reitera a importância de verificar a influência do Padre em questões urbanas e arquitetônicas, percebendo seu lado enquanto gestor público e figura religiosa, vendo que essa atuação gera espaço e permite a manutenção de costumes particulares de um povo acenando para a importância da preservação desse patrimônio material e imaterial de inestimável valor para o Ceará, o qual ainda oferece um enorme potencial para novas empreitadas acadêmicas.

ANEXO I:



Referências bibliográficas:

ARANTES, Antônio. **A inventário nacional de referência cultural: manual de aplicação.** Brasília IPHAN/ Minc 200

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço.** Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BITTAR, William. VERÍSSIMO, Francisco. **500 anos da Casa no Brasil, As transformações da arquitetura e da urbanização do espaço de moradia.** 2º ed. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações S.A, 1999 142p.

BRASIL. Artigo 2016, **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988, 292 p

CAVA. Ralph Della, **Milagres em Joazeiro.** 3º edição Ed. Companhia das Letras 2009

CEARÁ, Governo do Estado. Secretaria de Infra-Estrutura (SEINFRA). **Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano do Município de Juazeiro do Norte:** Relatório de questões / módulo conceito, 2001

COSTA, Ana. **ESPAÇO E MEMÓRIA NA REPRESENTAÇÃO HISTÓRICO-CULTURAL MATERIALIZADA NAS PAISAGE.** Revista da Casa da Geografia de Sobral, Sobral/CE, v. 16, n. 2, p. 3-19, Dez. 2014, <http://uvanet.br/rcgs>. ISSN 1516-7712 © 1999, Universidade Estadual Vale do Acaraú

DIAS, Geraldo. **"ORA & LABORA" À procura da origem da divisa beneditina.** universidade do porto, HVMANITAS- VO. L 1998

Gaspar, Lúcia. **Padre Ibiapina. Pesquisa Escolar Online,** Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php>>. Acesso em: 6 mar. 2019.

GUERRA, Lúcia. Juazeiro do Norte: **Religiosidade e desenvolvimento,** Dissertação de mestrado Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa. 2015

GUTIERREZ, Ángela. **Museu do oratório,** Instituto Cultural Flavio Gutierrez, disponível em <<https://museudooratorio.org.br/conheca/apresentacao/>> acessado em Mar. 2019

ICOMOS, **Declaração do México,** Cidade do México, 1985

ICMbio. **Ministério do meio ambiente** <<http://www.icmbio.gov.br/portal/ultimas-noticias/20-geral/7878-floresta-nacional-do-ararape-celebra-70-anos>> asesado em 22/03/2019

IBGE- **instituto brasileiro de geografia e estatística,** <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/juazeiro-do-norte/panorama>> acessado em 15 abr. 2019

LAMAS, Garcia José, **Morfologia Urbana e Desenho da cidade**. 3ª edição fundação ColousteGulbenkian, Porto 2004

LEITÃO, Lúcia. **Onde coisas e homens se encontram cidade, arquitetura e subjetividade**. 1ª edição Ed. São Paulo 2014
PAZ, Marinho. Cultura, política e identidades: Ceará em perspectiva. Volume 1. IPHAN-CE, Fortaleza, 2014

MARCELIN, Louis. **A linguagem da casa entre os negros no recôncavo baiano**, Mana vol. 5, n 2, Rio de Janeiro, oct. 1999

MÁXIMO, Genilson. Editorial do programa “Sábado Esperança” de 12/03/2016.
(<https://parabolicanews.blogspot.com/2016/03/a-luz-do-candeiro.html>)

MOURA FILHA, Maria Berthilde ; COTRIM, M. (Org.) ; CAVALCANTI FILHO, I. (Org.) . **Entre o rio e o mar: arquitetura residencial na cidade de João Pessoa**. 1. ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2016. v. 500. 396p.

OLIVEIRA, Paulo. **NÚCLEO DE FORMAÇÃO HISTÓRICA DA CIDADE DE JUAZEIRO DO NORTE-CE**. Revista da Casa da Geografia de Sobral, Sobral/CE, v. 16, n. 2, p. 3-19, Dez. 2014, <http://uvanet.br/rcgs>. ISSN 1516-7712 © 1999, Universidade Estadual Vale do Acaraú.

PMJN- **Prefeitura municipal de Juazeiro do Norte**. Disponível em: <https://www.juazeiro.ce.gov.br/>, Acessado em mar. 2019

Prefeitura de Juazeiro do Norte, Plano diretor participativo de Juazeiro do Norte, 2000.

PHILLIPE, Pedrp. **Olha lá no alto do horto**. 2017, <
<https://caririrevista.com.br/olha-la-no-alto-do-horto/>>
acessado em 10 mar. 2019.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura no Brasil**. 11ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2016. 212p

COUTO, Edoçece. **DEVOÇÕES, FESTAS E RITOS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES** Revista Brasileira de História das Religiões – Ano I, no. 1 – Dossiê Identidades Religiosas e História. 2008

ROCHA , Maria **A preparação das iguarias na festa do Sagrado Coração de Jesus: a divisão sexual e social do trabalho no Cariri rural cearense Faces de Eva**. Estudos sobre a Mulher no. 32 Lisboa 2014

RIBEIRO, Cláudia **A dimensão simbólica da arquitetura parâmetros intangíveis do espaço concreto** 1ª edição Ed. C/arte. Belo Horizonte 2003.

SANTANA, Mariely. **Alma e Festa de uma Cidade devoção e construção na colina do Bonfim**. 1ª edição Ed. Da Universidade Federal da Bahia Salvador 2011

SOARES, Emiliano. **Padre Cícero Romão e o catolicismo popular no nordeste brasileiro** – Paradigma para ação pastoral da atualidade, 2015

ZEVI, Bruno. **Saber ver a arquitetura**. 5º edição Ed. Livraria Martins Fontes editora Ltda. São Paulo 2000.

http://populacao.net.br/os-maiores-bairros-juazeiro-do-norte_ce.html

